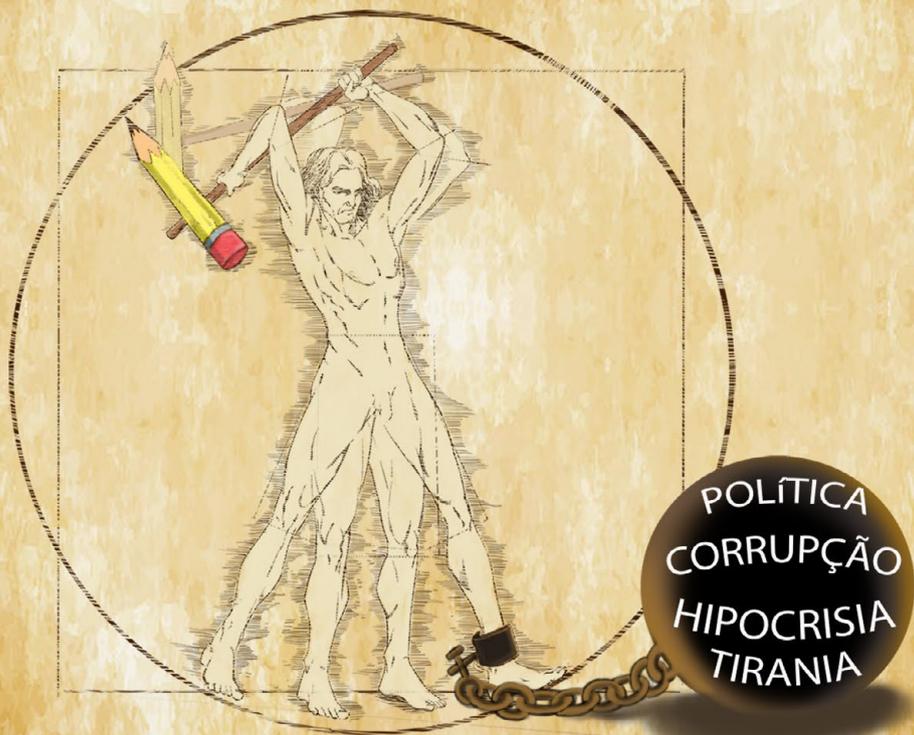


# A natureza humana e o Estado



Adryano Kamei

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

**A** natureza humana  
**e o Estado**

Adryano Kamei

**A** natureza humana  
**e o Estado**

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

© Adryano Kamei

Editora Recanto das Letras  
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira  
Revisão do texto: Maciel Salles  
Diagramação: Michael Douglas  
1ª edição – dezembro de 2020

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Kamei, Adryano

A natureza humana e o Estado / Adryano Kamei. --

São Paulo : Recanto das Letras, 2020.

175 p.

ISBN: 978-65-86751-52-9

1. Comportamento humano - Aspectos sociais 2. Psicologia social  
3. Estado - Aspectos sociais 4. Sociologia política I. Título

20-4359

CDD 301

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Sociologia : Comportamento humano : Estado

*Dirce de Oliveira Varela*  
(1928 – 2019)  
*Querida vó Dirce*

# Homenagem

Minhas sinceras homenagens às pessoas que sempre buscaram a razão, o conhecimento e a liberdade como prioridade. Mesmo que, fazendo assim, estivessem se sujeitando a perseguições e até mesmo na própria morte.

Foram indivíduos audaciosos e corajosos, por exporem ideais contraditórios aos dogmas religiosos da época e à tirania de grupos soberanos. Infelizmente, não estão mais presentes entre nós. Mas, sem a existência desses heróis, eu não poderia ousar em pensar escrever este livro.

Segue a lista das pessoas que jamais poderemos esquecer, e deverão ser sempre lembradas: Galileu Galilei, John Locke, René Descartes, Voltaire, Montesquieu, Diderot e D'Alembert, Miguel Servet, Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, José Bonifácio, Ronald Regan, Isaac Newton, Charles Darwin, George Orwell, Adam Smith, Milton Friedman, Ludwig von Mises, Euclides da Cunha, Castro Alves, André Rebouças...

Faltou muita gente nesta lista. Peço desculpas por não poder mencioná-los, mas todos tiveram um papel importante e decisivo na construção de uma sociedade mais justa e livre.

# Dedicatória

Dedico este livro a todas as pessoas do mundo que não podem expressar suas próprias opiniões, por viverem em locais cuja única liberdade tangível é seguir as normas de governos tirânicos.

Dedico este livro a todas as mulheres que moram em países cujos valores culturais e religiosos tornam-nas inferiores aos homens, fazendo da liberdade uma esperança inatingível.

Dedico este livro a todas as pessoas que vivem em uma bolha cultural, tanto as que não têm acesso ao conhecimento como as que pensam ser oniscientes com a pouca bagagem que possuem. O verdadeiro conhecimento parece estar cada vez mais intransponível.

# Sumário

## A essência humana

Preguiça nostálgica .....	12
A inveja nunca é plena .....	15
Somos justos ou injustos? .....	19
Desprezo .....	22
Hegemonia .....	24
Egoísmo e altruísmo .....	28

## Princípios econômicos

Trocas voluntárias .....	32
Propriedade privada .....	34
Os três poderes .....	36
A lei .....	38
Imposto .....	39
O Estado .....	41
Preços .....	43
O mercado .....	45
Divisão de trabalho .....	48
Inflação .....	50

## Proteccionismo

Direitos e deveres .....	54
Amigos do rei .....	56
Meia-entrada .....	59
Direitos adquiridos.....	61
A saúde é direito de todos e dever do Estado .....	63
Aposentadoria .....	65
Funcionalismo público .....	67
Seguro-desemprego .....	70
Aposentadoria por invalidez .....	72
Regulamentação sanitária .....	73
Legislação x liberdade .....	75
Conselhos profissionais .....	78
Interesses especiais .....	80
Usain Bolt - 9,58 segundos .....	81

## Socialismo/Coletivismo

Karl Marx (1818–1883) .....	84
Ideologia socialista .....	86
Qual seria mais produtivo: coletivismo ou individualismo? .....	89
Insegurança .....	91
O mercado no socialismo .....	93
Monopólio .....	95
Cartel .....	97
Crises e bolhas financeiras .....	99

Descentralização .....	102
Comunismo .....	104
No socialismo tudo é mal distribuído .....	107
Por que, mesmo comunista, a URSS lançou o primeiro satélite espacial? .....	108

## **Trabalhador também é consumidor**

Leis trabalhistas .....	111
“Escravizando o trabalhador” .....	113
Sindicatos .....	115
Mais benefícios para os que não merecem .....	117
Merecia ganhar mais!!! .....	118
“Enganando o consumidor” .....	120

## **Governos e interesses**

Maneiras de usar o dinheiro .....	123
Emprego .....	125
É “grátis”? .....	127
Autopropaganda do governo .....	129
Promessas de políticos .....	131
Nepotismo .....	132
Licitações .....	133
CPF na nota, por favor... ..	134
“O meu governo foi ótimo!!!” .....	136
Efeito borboleta .....	138
Recursos ilimitados .....	140
Interesses internos .....	142

## Sociedade brasileira

Visão microscópica .....	145
Desigualdade social .....	147
Ministério da Cultura .....	149
Lei Rouanet .....	151
Efeito Gramsci .....	153
Vitimismo .....	155
Relativismo altruístico .....	157
Por que nunca ganhamos um Prêmio Nobel? .....	158

## Liberdade

Cuidado com retóricas e sofismas de socialistas .....	161
Vaquinha leiteira .....	163
A África é pobre por causa do deserto... ..	164
O Estado interferindo na liberdade das pessoas .....	166
Repartir o bolo x aumentar o bolo .....	168
Liberdade propriamente dita .....	169
Frases de impacto .....	171
O Estado e a natureza .....	172
Referências bibliográficas .....	173
Agradecimentos .....	174

## A ESSÊNCIA HUMANA

Na busca em discutir e explicar assuntos envolvendo economia e política, é preciso, antes, fazer uma análise da natureza do ser humano, observando seus pensamentos e atitudes, conforme as circunstâncias do ambiente em que vive.

Muitas das nossas características são heranças dos primeiros humanos que começaram a explorar o mundo. Por precisarem se adaptar às condições para se manterem vivos, certos comportamentos e propriedades do corpo humano foram sendo modulados. De modo que ainda temos muitas dessas características oriundas de nossos ancestrais.

Neste capítulo, vamos abordar alguns aspectos e sentimentos humanos que serão importantes para, posteriormente, elucidarmos suas ações.

## Preguiça nostálgica

O que faz de uma espécie na natureza ser eficaz para poder prosperar e se manter viva ao longo de milênios, resumidamente, é possuir duas aptidões essenciais para esse feito. Uma delas é poder se reproduzir e passar sua carga genética para as próximas gerações, não deixando a chama da vida se apagar, como uma tocha olímpica sendo passada de mão em mão, até chegar à cidade que sediará as Olimpíadas. Com a diferença de que nosso DNA não tem lugar nem tempo de chegada pré-estabelecidos.

A segunda aptidão é o fato de indivíduos da mesma espécie precisarem se manter vivos pelo menos até a fase adulta. E, para que isso seja possível, precisam se defender de predadores e, principalmente, fugir de um mal que assombra todos os seres vivos desde a sua existência: a FOME.

Em tempos difíceis, devido a inúmeros fatores que dificultaram a obtenção de alimentos para o homem, sempre tivemos que nos adaptar às circunstâncias, como um camaleão que se modifica em vários ambientes para sobreviver. Uma forma de driblar a escassez de alimento é economizar ao máximo o uso de energia, ou seja, utilizar suas reservas energéticas apenas para atividades efetivas, como ir atrás de alimentos, que poderiam proporcionar algum ganho energético. Esbanjar energia para outros fins poderia ser fatal.

Fazendo um comparativo com os dias atuais, verificamos algo muito comum no nosso cotidiano. O seguinte exemplo é verificado, inevitavelmente, em todas as empresas do mundo. Se

algum chefe julga certo funcionário como preguiçoso, isso fatalmente resultará em demissão. Isto pelo fato de o funcionário ser moroso ou fazer com descaso as tarefas exigidas, sendo tachado como vagabundo.

Não obstante, essa característica é malvista na sociedade atual, sugerindo alguns sinônimos para defini-la, como preguiçoso, vagabundo, vadio, dentre outros. E quando alguma pessoa é tachada de algo pela maioria, é difícil se livrar deste estigma. Somente o tempo e a mudança de hábitos poderão reverter o quadro. Empresas tendem a contratar e manter funcionários proativos e eficazes, por serem mais produtivos. Em tempos de concorrência acirrada, ter funcionários preguiçosos pode acarretar prejuízo.

Suponhamos que em determinado lugar só existam dois tipos de emprego que uma pessoa pode escolher. A carga horária e os salários são os mesmos, sendo a única diferença que as tarefas são diferentes. Uma das tarefas propostas é o trabalhador buscar água em uma fonte a 3 quilômetros do castelo usando apenas instrumentos simples, como baldes, cordas e troncos de madeira. Deverá fazer este trabalho durante todo o horário estipulado. A segunda opção é o trabalhador ficar observando os astros do céu e o tempo climático, sentado em uma sala dentro do castelo, fazendo anotações em um fichário, usando apenas instrumentos simples, como caneta e um pergaminho.

Eu acredito convictamente que a grande maioria das pessoas preferirá a segunda opção de trabalho, sem precisar de muito tempo para analisar o custo-benefício que cada uma oferece, ou seja, avaliar todo o ônus e bônus que cada oportunidade tem, colocando-as na balança para escolher a mais atraente. Pois o interessado na vaga de emprego pensará no ônus de ter que, na primeira opção, carregar peso o dia todo, faça sol ou faça chuva.

Se em outro caso o trabalhador da opção um, que é a mais desgastante, ganhasse o dobro pelo mesmo tempo de serviço, deixaria a escolha mais complicada, mexendo na balança custo-benefício. O que faria com que as escolhas ficassem divididas entre as duas opções. Alguns escolheriam, mesmo assim, a opção 2, pois, embora ganhando a metade, despenderiam pouco esforço para realizar a tarefa. A preguiça, neste caso, ganharia do esforço.

Porém, algumas pessoas se interessariam mais pela opção 1. Apesar de terem que trabalhar muito mais duro ao longo do dia, ganharam o dobro. Assim o trabalhador pensaria: “já que eu terei de cumprir a carga horária estabelecida, e por este tempo me ausentarei da família, amigos e do repouso doméstico, é vantajoso me sacrificar mais durante o mesmo tempo que estarei ausente de casa, mas com um bônus no final do mês, ganhar o dobro”. Isto faria este trabalhador ter mais poder de compra, dando uma melhor condição de vida para sua família. Neste caso, o esforço ganharia da preguiça.

Outro caso em que vemos a preguiça presente no ser humano é nos diferentes modelos de pagamento. Quando o empregado ganha por dia, a preguiça entra em cena e tende a fazer o trabalhador produzir o mínimo possível, andando a passos de tartaruga a fim de manter o emprego.

O segundo formato de pagamento, que seria por empreita, faz o empregador ficar mais produtivo naturalmente. Pois, neste modelo, ganhará mais se produzir mais.

Tachar o ser humano de vagabundo por natureza não é de alguma forma ser exagerado ou funesto. O ócio é, sempre foi e será intrínseco ao ser humano, pois se origina da própria natureza do homem, daquele instinto primitivo, universal que o impele a satisfazer seus desejos com o menor esforço possível.

## A inveja nunca é plena

Uma característica intrínseca do ser humano, a inveja, faz parte da personalidade de todas as pessoas do mundo, indistintamente de raça, religião e sexo. Já presente até mesmo em crianças com poucos meses de vida, verificada quando, por exemplo, um irmãozinho chega ao mundo, fazendo se comportarem de uma maneira mais rebelde e agressiva. Mesmo que ainda praticamente não tenham uma consciência formada.

Este sentimento inato e intrínseco é atribuído pela sociedade como sendo negativo e maléfico. Então, por que este sentimento ainda está presente? Acredito que pode ter sido útil para a sobrevivência de nossos antepassados, nos impulsionando para melhorias, comparando e copiando atitudes, por exemplo, de concorrentes que eram mais produtivos na busca por alimento.

Procurando em nosso dicionário Aurélio, acharemos o seguinte significado para a palavra inveja: “sentimento de ódio, desgosto ou pesar provocado pelo bem-estar ou felicidade de outrem; desejo muito forte de possuir ou desfrutar de algum bem possuído ou desfrutado por outra pessoa”. Psicólogos e psiquiatras atendem, diariamente, milhões de pessoas no mundo que estão procurando ajuda profissional, o número de pacientes que precisam desse tipo de serviço aumenta ano após ano e certamente um dos fatores que atrapalha uma boa sanidade mental é a inveja. Muitas pessoas não conseguem lidar com ela, fazendo com que o problema cresça como uma bola de neve. E, curiosamente,

psicólogos e psiquiatras raramente escutam em seus consultórios, a seguinte frase: “Eu invejo fulano de tal...”.

A gente confessa humilhação, medo, ciúmes, tristezas, cobiça... porém, inveja, nunca. Considerada pela sociedade um sentimento impuro e secreto, mesmo até pessoas íntimas e da própria família não conseguem essa confissão.

Como diz o dito popular, “a grama do vizinho cresce mais verde”. No entanto, esquecemos de nos lembrar, como se não quiséssemos ver a verdade dos fatos e aceitar que o vizinho faz por merecer a tal prosperidade. Neste caso, fechamos os olhos quando ele acorda às 6h da manhã para regar a grama; antes de plantar, estudou a melhor espécie de grama e colocou um bom adubo. Muitas pessoas em nossa sociedade são assim, invejam a prosperidade alheia, mas não querem pagar o preço de tal feito.

Uma das maiores reclamações das pessoas que estão no mercado de trabalho são os salários baixos. Reclamações do tipo “não consigo pagar minhas contas”, “não tenho dinheiro para lazer”, dentre outras. Vamos dar um pulinho de 20 mil anos, e ver como estava a vida de nossos antepassados. As condições de vida eram péssimas, literalmente sobreviventes à deriva na natureza. Água gelada? Só pra quem vivesse na Sibéria, que, quando potável, já seria um luxo. Comida? Só se encontrassem algumas frutas, ou conseguissem caçar algum animal, o jejum naquele tempo não era religioso, e sim por circunstâncias. Cama box para dormir à noite? Esqueça.

Se pudéssemos doar o mesmo padrão de compra de um salário mínimo aos nossos ancestrais, seria o mesmo que termos ganhado na loteria. A pergunta que não quer calar: as pessoas ficam tristes e desapontadas com seus salários devido às poucas

coisas que podem comprar ou por saberem que existem pessoas que ganham mais do que elas e poderão ter uma qualidade de vida melhor?

Em um mundo hipotético, tentaremos ajudar uma pessoa que está infeliz com seus ganhos, oferecendo, assim, duas escolhas para mudar sua situação financeira, mesmo sem precisar mudar de trabalho. Na primeira opção, lhe será proposto um salário três vezes maior do que o habitual, porém, como em um passe de mágica, todos os outros trabalhadores do país ganharão 3 vezes mais do que ela ganhará; já na segunda opção, ela ganhará duas vezes mais do que o habitual, porém, todos os demais trabalhadores do país irão ganhar a metade do que ela ganhará.

Num primeiro momento, a resposta parece óbvia, que seria a escolha pela primeira opção, por ganhar mais e poder ter uma melhor qualidade de vida, mesmo que as demais pessoas ganhem mais do que ela. Mas, se fosse possível testar as duas opções para depois escolher a definitiva, certamente tornaria a escolha mais difícil, pois aí teríamos a questão do relativismo. Note que a segunda opção, apenas dobrar seu salário, fará as demais pessoas ganhar menos, ficando assim no topo da pirâmide.

O ser humano precisa de uma referência para ver se sua vida está indo bem ou não, podendo muitas vezes estar suprida de tudo o que precisa para viver uma vida digna e feliz. Porém sempre aparecerá uma grama do vizinho mais verde, tumultuando mais ainda nossa mente no quesito felicidade e prosperidade.

No coração humano, existe um gosto pervertido pela igualdade que impele o fraco a tentar rebaixar o poderoso ao seu próprio nível, e submete os homens a preferir igualdade na escravidão à desigualdade com liberdade.

Muitas pessoas valorizam o que as outras têm, de modo que o objeto não é atraído apenas por suas qualidades intrínsecas, mas por ser simultaneamente desejado por outras pessoas. Achamos atrizes famosas mais belas do que seriam no anonimato, pois sabemos que milhares de fãs as idolatram. Isto certamente faz com que seu valor, no sentido de beleza, aumente.

Um fator que instiga nossa inveja, e que algumas pessoas consideram como principal gozo da riqueza, é a ostentação. Para elas, a felicidade se completa quando mostrada a todos o que possuem.

É verdade que existem monges budistas que vivem de esmolas, na sujeira e na penúria, alguns se sentem perfeitamente felizes e não têm inveja de nenhum rico. Mas então, já que a felicidade é o que importa, por que não assimilar esse feito e fazer com que pessoas abandonem o materialismo e vivam felizes?

## Somos justos ou injustos?

O filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau menciona, em suas obras, que o homem nasce bom, porém, com o passar do tempo, a sociedade o corrompe, tornando-o mau e nefasto. Muitas pessoas dizem o mesmo, se valendo da breve pureza divina que um recém-nascido tem.

Se hipoteticamente pegarmos dois bebês que já conseguem engatinhar, e um pouco antes da próxima refeição colocarmos cada um em lados opostos de uma sala fechada, e no meio apenas uma mamadeira cheia do mais puro leite materno, já sabemos o que vai acontecer, sem nem mesmo pôr em prática este experimento. Cada bebê engatinhará até a mamadeira como se não houvesse amanhã, para chegar primeiro. Com certeza não alternarão entre mamadas, como se fosse uma vez de cada, e sim tentarão saciar ao máximo seus instintos. Será que a pureza já teria sido corrompida pela sociedade em menos de um ano?

A percepção de justiça é observada no mundo animal. Biólogos fizeram experimentos com macacos para avaliarem sua percepção abstrata, surpreendendo os pesquisadores com os resultados apresentados. O experimento consistia em deixar dois macacos em duas celas idênticas separadas, um poderia ver o outro pelas frestas das grades. No fundo de cada cela, tinha um pote cheio de pedras, e o macaco que trouxesse uma pedra para o pesquisador era recompensado com alimentos. Um dos alimentos era o pepino, que no geral macacos não gostam muito, porém aceitam para saciar a fome; o outro eram uvas, que os macacos

adoram. Para o macaco da esquerda, que seria o injustiçado, era fornecido apenas pepino para os seus feitos, já para o macaco da esquerda, que seria o privilegiado, eram fornecidas apenas uvas.

Na primeira vez, o macaco da esquerda não reclamou. Se fosse possível adentrar nos seus pensamentos, certamente observaríamos: “Eu estava com fome, e por apenas pegar uma pedra e dar para este humano, ganhei um pepino praticamente de graça, portanto estou no lucro”. Uma nova etapa recomeçou, o macaco da esquerda novamente forneceu uma pedra e ganhou um pepino, em seguida o macaco da direita forneceu uma pedra, e novamente ganhou uvas. Isto foi o estopim para o macaco da esquerda ficar enfurecido de indignação, lançando pedras e o próprio pepino no pesquisador.

Se fôssemos adentrar no pensamento da esquerda novamente, observaríamos: “Eu fiz a mesma tarefa do que esse cara do lado, mas em vez de receber filé mignon, recebi pé de galinha, que absurdo! Que esse pesquisador vá pra @\$%^^^”. O macaco da direita não se solidarizou com o seu vizinho, comendo tranquilamente suas uvas, nem mesmo sequer pensou em dividi-las. Perguntaríamos para o macaco da direita o que ele acha desta situação, e ele responderia: “Cada macaco no seu galho”.

Crianças jovens, com sete ou oito anos, também já possuem uma noção do que é justo ou injusto. Foi feito um teste com crianças desta idade, com o jogo do Ultimato. Este jogo consiste em dar a um determinado participante itens de valor que terão que ser divididos com outro participante. O primeiro participante poderá dividir, conforme seu interesse, os itens, mas, se o outro participante achar injusto e não aceitar a oferta, nenhum deles ganha nada. Neste caso, foi feito com moedas de chocolate, que, por “coincidência”, toda criança adora e faria o máximo para

ganhar o maior número de itens. A ambição juvenil falando mais alto faz com que a repartição fique desproporcional e o outro participante não aceite a oferta, fazendo, assim, ninguém levar as moedas de chocolate.

No início do teste, as crianças preferiram ficar sem nada a serem injustiçadas e receberem migalhas, punindo o adversário com o recebimento de nada também. Com o desenrolar do jogo, as crianças que receberam as moedas de chocolate para repartir começaram a fazê-lo de uma forma mais justa, tendendo para 50/50, e a aceitação por parte dos adversários foi bem maior, sendo que, para algumas, quando a oferta de 50/50 ainda não era exata, foi recusada.

O ser humano tenta, de alguma forma ou de outra, levar vantagem nas mais variadas circunstâncias, tomando atitudes que lhes são benéficas até o limite do considerado ético e moral pela sociedade. O ser humano nem sempre é assim, mas parece que há algo invisível, intrínseco, para nos beneficiarmos mais do que os demais.

## Desprezo

Assim como em outras espécies, como chimpanzés e gorilas, o ser humano sempre esteve acompanhado de outros indivíduos, vivendo em bandos. Provavelmente pelo benefício de criar seus descendentes com a ajuda de outras pessoas, sendo possível dividir tarefas com outros indivíduos, como ir atrás de alimentos e proteção da prole, garantindo melhor a sobrevivência da espécie. A divisão do trabalho já tinha começado muito antes de Henry Ford desenvolver a produção em série.

Para uma boa aceitação perante o grupo, o indivíduo deveria se adaptar às regras referentes àquele tempo, sendo muito importante se instaurar de uma forma duradoura no grupo, pois, em tempos remotos, seria maior o prejuízo de estar sozinho. Esse sentimento ainda é bastante comum nos dias atuais, pois tendemos, de alguma forma, a agradar a todos que estão no nosso convívio.

Talvez o altruísmo humano tenha surgido nestas circunstâncias, pois não raro ajudamos um próximo, sem esperar nada e troca. Mas sabemos, mesmo em nosso subconsciente, que se precisarmos de algo no futuro, a retribuição será mais propícia.

Muitas pessoas fazem o bem para o próximo por caridade, mas muitas outras, na batalha do dia a dia, lutam para não depender do altruísmo de ninguém, pois a sociedade tacha como sendo vergonhoso e humilhante viver de esmolas. Adam Smith<sup>1</sup> já falava sobre este fato séculos atrás, quando asseverava que “ninguém, a

não ser um pedinte, decide depender basicamente da benevolência de seus concidadãos”.

A pessoa que ganha seu próprio sustento através do trabalho é vista de uma forma positiva perante a sociedade, pois está contribuindo como um todo, ao invés de estar retirando recursos de outras pessoas. O trabalho é relatado na Bíblia em diversos versículos, sendo citado como parte constitutiva do plano divino para a humanidade; além do quê, as Sagradas Escrituras condenam a preguiça e a ausência de trabalho em vários outros versículos.

# Hegemonia

Após a revolução agrícola, a quantidade de comida produzida passou a suprir a necessidade das pessoas, sendo favorável para um aumento da população. De maneira que onde havia poucos indivíduos, passaram a residir centenas de pessoas.

Pesquisas sociológicas demonstram que se o grupo de habitantes passar de 150 pessoas, é necessária a criação de leis e regras severas para sua manutenção, pois só assim seria possível controlar os mais violentos e proteger os indefesos. O indivíduo não pode ter, ao mesmo tempo, as vantagens derivadas da cooperação social e o prazer de se entregar aos seus instintos animais, predatórios e agressivos.

Se existem leis e regras, alguém tem que, de alguma forma, possuir algum tipo de poder especial para pô-las em prática. E quando algum líder possuir poder suficiente para ser líder de um povo, fará de tudo para não o perder. O poder é, de alguma forma, como um buraco negro: a pessoa que o tem, mais e mais quer aumentá-lo. Verificada no mundo todo, em diversos períodos da história, com guerras e brigas, tanto no Ocidente como no Oriente, no passado e no presente, essa busca pelo poder é marcada com muito sangue e mortes, que jamais serão apagadas pela nossa história.

Muitos dos líderes lembram a fábula das duas cachorras, pois, antes de conseguirem o almejado poder, se fingem de caridosos, prometendo ajudar o povo, mas, depois que conseguem o poder absoluto... Bem, o final da história já conhecemos.

Escritas por Esopo na Grécia Antiga, algumas fábulas definem, em pequenas historinhas, a essência humana representada por animais. Segue a fábula das duas cachorras:

“Numa casa havia duas cachorras. Uma falsa e mentirosa, a outra, sincera e de muito bom coração. Um dia, a falsa foi pedir ajuda à amiga e companheira de moradia.

— Comadre, meus filhos estão pra nascer. Será que você me cederia um cantinho da sua casa para que eu possa tê-los em segurança?

Comovida, a cachorra generosa permitiu que a outra se instalasse.

— Como minha casa não é grande, você fica sozinha com ela e eu me ajeto por aí até que seus filhos nasçam.

— Obrigada, minha amiga — agradeceu falsamente comovida a falsa.

A dona da casa dormiu três dias na rua. No quarto dia, ela voltou.

— Agora que seus filhos nasceram, eu quero minha casa de volta.

— Oh, mas veja como eles estão fraquinhos. Deixe-me ficar mais uma semana.

— Está bem, mas só mais uma semana.

Decorrido o prazo, lá veio outra desculpa esfarrapada:

— Meus filhos ainda estão muito pequenos, dê-me mais um mês.

E cada vez que a cachorra boa voltava, a malandra pedia mais tempo, até que, um dia, quando voltou a pedir que devolvesse sua casa, deu de cara com sete cães enormes que lhe

arreganharam os dentes. Eram os filhotes da cachorra má que já haviam crescido.

— Você quer sua casa? Pois venha tomá-la!

E pularam no pescoço da cachorra boa, sangrando lhe até a morte.”

Dinastias são um bom exemplo da luta infinita pelo poder, pois, além de os líderes possuírem um poder absoluto sobre seu povo, seus descendentes automaticamente serão os substitutos de seus pais ou parentes, mantendo, assim, a hegemonia de sua família. Historiadores relatam já terem ocorrido incontáveis dinastias pelo mundo.

As guerras que aconteciam antigamente eram para cumprir as ordens dos líderes das nações envolvidas, que almejavam mais poder. Para o povo, a guerra não é compensatória, primeiramente pelos danos físicos que lhe causará, e também pela carga tributária que será aumentada nos períodos de conflito. O seu líder se beneficiará se a guerra for ganha, adquirindo mais terras, e com isso mais impostos para alimentar suas ambições mais insanas; já para o pobre camponês, nada mudará. Assim como o camponês não consulta vacas e galinhas sobre como conduzir a fazenda, o seu líder não pedirá seus conselhos para conduzir a nação.

A ambição não é inerente apenas às pessoas no topo da sociedade, e sim um sentimento intrínseco a todo ser humano. Raramente nos satisfazemos com o que já temos. Como quando sonhamos em comprar um carro novo, que depois de muito trabalho e esforço, conseguimos realizar o sonho. Parece que depois de algum tempo de uso, o novo conforto sempre foi nosso. E com isso esquecemos que um dia foi um sonho antigo muito almejado.

A reação mais comum na mente humana não é a satisfação, e sim o anseio por mais, o ser humano sempre está em busca de algo melhor. Buscando diversas maneiras de conseguir, como se aperfeiçoando para conseguir salários melhores, ou trabalhando mais para melhorar seu padrão de vida.

Se quisermos deixar alguém enfurecido e indignado de verdade, basta mexer na sua “hegemonia”. Essa “hegemonia” não precisa ser necessariamente um trono de algum rei. Podem ser pequenas circunstâncias, que pareciam estar como certas. Como por exemplo, no caso de um síndico, que devido a um aumento de carros no condomínio, decide fazer, tanto das vagas cobertas quanto das demais, um formato rotativo de estacionamento, ou seja, não há mais donos específicos para as vagas, pois todas as vagas serão de todos. Os moradores que sempre tiveram as vagas cobertas, por um consenso informal no passado, ficarão indignados com a nova política do condomínio, pois, para eles, a sua regalia era imutável, considerada eterna por eles.

Sempre faremos de tudo para manter a nossa “hegemonia”, mesmo se tratando de circunstâncias pequenas. Obviamente que se o grau das circunstâncias aumentar, poderá resultar até em violência — fato comum observado pela história: as guerras realizadas para defender o trono do rei.

## Egoísmo e altruísmo

As pessoas quando estão expostas, nas ruas, eventos e em redes sociais, vestem a máscara do altruísmo, para parecerem boas perante a sociedade. Porém, quando estão longe dos holofotes, vestem a máscara do egoísmo. Afinal, somos altruístas ou egoístas? Por que somos assim?

O egoísmo é inerente ao nosso DNA, pois, no passado, o pouco que se tinha muitas vezes era insuficiente para todos. Como diz o ditado, “farinha pouca, meu pirão primeiro”. E se fosse possível comer toda a comida antes dos outros, poderia ser a diferença entre a vida e a morte. Já o altruísmo nos faz parecer que estamos cooperando como um todo, para melhor sermos aderidos pelo bando.

Ser chamado de egoísta soa como um xingamento. Parecendo ser um pecador sem escrúpulos, que apenas pensa em seus próprios interesses, não se importando com as dificuldades dos outros. Mas, se formos analisar de uma forma imparcial, todos nós somos muito mais egoístas do que altruístas, pois sempre estamos pensando mais em nossos próprios interesses do que nos outros. Todavia, queremos passar uma imagem contrária do que realmente somos.

Repare nos dias em que está se formando um temporal. É comum escutar frases do tipo: “São Pedro, deixa eu primeiro chegar em casa, depois pode desabar água!!!”. Analisando a semântica da frase, vemos que a pessoa mais importante do mundo é o EU, pois nesse caso apenas importa seu próprio bem-estar,

não se importando nem um pouco com os demais cidadãos do mundo que vão se molhar depois de ela ter chegado salva em casa.

Segue a fábula do asno e do cão, que ajuda a ilustrar o exemplo acima:

“Um asno e um cão viajavam juntos. Encontraram no chão uma carta lacrada. O asno pegou, arrancou o selo, abriu e a leu para o cão. A carta falava da alimentação do gado, ou seja, feno, cevada e palha. E, como a leitura do asno o cansava, o cão disse:

— Lê mais embaixo, meu amigo, e vê se fala de ossos e carne.

Depois de percorrer toda a carta e não encontrar nada do que o cão queria, este disse:

— Joga fora esse papel sem nenhum valor.

Moral da história: nos importamos com aquilo que nos interessa.”

Na Grécia Antiga, dois meros mortais, Aristóteles e Platão, estavam discutindo sobre como seria melhor criar as crianças. Pois os pais querem cuidar de seus filhos como se fossem seus maiores tesouros. Platão dizia que se os pais não conhecessem seus filhos, tratariam todos como seus. Já Aristóteles dizia que os pais ficariam indiferentes com as crianças. Afinal ninguém cuidaria melhor de nossos bens do nós mesmos.

O ser humano sempre tenta diminuir seu desconforto, em uma busca desesperada pelo conforto. Talvez o luxo seja um “vício” mais presente na humanidade, pois tende a se tornar necessidade. Uma vez que as pessoas se acostumam com certo luxo, elas dão como algo garantido e passam a contar com ele. Uma pessoa que ganha um salário alto, como R\$ 100 mil por mês, e já acostumada com o conforto que tal numerário lhe proporciona, caso perca este emprego e passe a ganhar a metade em

outra ocupação, certamente ficará muito descontente, visto que teria de se privar de um conforto que já era dado como eterno. Embora para a média das pessoas R\$ 50 mil por mês ainda seria um valor astronômico.

Estamos ficando, de certa maneira, mal-acostumados com o aumento exponencial de melhorias. Um trabalhador que ganha hoje um salário médio se sentiria humilhado se vivesse como um lorde medieval, que vivia sem água corrente, calefação, eletricidade...

Buda compreendeu que o desejo sempre envolve insatisfação, quando se experimenta algo agradável, deseja-se que o prazer permaneça e intensifique, desse modo a mente sempre estará insatisfeita e inquieta. Por isso, até os maiores reis estão condenados a viver em agonia, fugindo constantemente da tristeza e angústia.

## PRINCÍPIOS ECONÔMICOS

Neste capítulo, serão elucidados alguns fatores importantes, para uma melhor compreensão do sistema político e econômico do país. Itens muito falados no nosso cotidiano, porém muitas vezes usados sem se conhecer suas origens e causas. De uma maneira fácil e sucinta, serão explanadas ideias para uma melhor compreensão e análise no decorrer do livro.

## Trocas voluntárias

Em algum momento da nossa história, ou as pessoas produziam tudo o que precisavam, ou faziam trocas com outras pessoas. Trocas eram mais compensadoras, pois é impossível produzir tudo que se precisa. Isso pode ser visto quando, nos dias de hoje, vamos ao mercado e temos uma infinidade de produtos ao nosso alcance. Só na prateleira de pães existem inúmeras marcas da referida massa, assim como cada marca produz uma variedade de tipos, tentando agradar todos os tipos de clientes, com pães do tipo integral, sem glúten, light...

Essas trocas, no começo, não eram feitas com dinheiro ou algo similar, eram feitas diretamente de produtos por produtos. Se um pescador pescasse dez peixes em um dia, mas só necessitasse de sete peixes para alimentar a sua família, haveria um excedente de três peixes, que provavelmente seriam perdidos devido ao seu curto tempo de validade. Não existia freezer e geladeira naquele tempo. Se o seu vizinho tivesse extraído cinco litros de leite de sua vaca, haveria um excedente de dois litros, pois sua família só conseguiria utilizar três litros naquele dia. Logo, seria conveniente para os dois vizinhos trocar os excedentes dos produtos produzidos, porque seriam perdidos de qualquer forma.

Ambas as famílias sairiam beneficiadas, se fosse feita uma troca voluntária. Neste exemplo, além de terem uma variedade a mais de produto, não teriam prejuízo, pois não precisariam jogar fora os alimentos estragados.

Um dos problemas desse tipo de comércio é que nem sempre o nosso produto excedente será de interesse para outras pessoas naquele momento e, por dificuldades de transporte e logística,

produtos perecíveis como peixe e leite terão grandes chances de serem perdidos. Não permitindo, assim, as pessoas estocarem mercadoria em momentos de abundância para poderem ser gastos em momentos de escassez.

Outro problema embutido nas trocas simples é o volume das mercadorias. Se por exemplo um agricultor de alfaces almejasse ter uma vaca para produzir leite, seria uma troca com muitos empecilhos, pois o agricultor teria de ter em mãos uma imensa quantidade de alfaces para ser trocada por uma vaca, além de ocorrer o mesmo problema relatado anteriormente, pois a validade da alface é curta, logo não sendo vantajoso para o proprietário da vaca fazer essa troca.

Uma forma de corrigir este problema foi padronizar algum produto para ser usado como referência pela comunidade local. Esse produto deveria ser durável e de difícil produção. Historiadores mostram que os artigos usados variavam bastante conforme a localidade, podendo ser, dentre outros, açúcar, búzios, sal e até gado. Sendo possível fazer-se trocas indiretas, dispensando a utilização do próprio produto excedente.

Um plantador de alface, agora, não precisaria trocar o próprio alface produzido por outros artigos que lhe interessassem. Doravante, ele poderia trocar o seu produto por açúcar, podendo, assim, estocar essa mercadoria-moeda por um tempo bem maior do que aguentariam as frágeis alfaces. Ajudando a acumular bens em tempos favoráveis para serem utilizados em tempos de escassez, o que nas trocas diretas seria impossível.

No intuito de facilitar ainda mais as trocas indiretas, foi criado o dinheiro em forma de papel e moeda. Um artigo com aceitabilidade geral e disponibilidade imediata, proporcionando trocas voluntárias entre pessoas de uma forma mais rápida e eficaz.

## Propriedade privada

Os índios que habitavam nosso país no século XVI não possuíam, em seu vocabulário, palavras referentes a ter e possuir. Tudo o que tinham de pertences e terras era de todos. Diferente do europeu, que tinha uma visão muito diferente, pois um dos motivos de sua perigosa aventura foi a ambição de enriquecer. É claro que os índios também tinham seus interesses e ambições, sendo muito frequentes guerras entre tribos rivais, porém o sentimento e estilo de vida eram diferentes do europeu. Os índios tinham uma conduta coletivista, enquanto os europeus, devido às circunstâncias culturais de suas origens, tinham uma característica individualista.

Atualmente, as características da nossa economia não estão mais ligadas às origens remotas da propriedade privada. Esses eventos de um passado distante, perdidos na escuridão dos primórdios do gênero humano, deixaram de ter qualquer importância nos dias de hoje, pois seria impossível fazer uma busca histórica exigindo posses que eram de seus ascendentes séculos atrás.

A noção de civilização que conhecemos está diretamente ligada à propriedade privada, pois se não nos fosse dado esse direito, ainda estaríamos vivendo no barbarismo que ocorreu no passado, quando os mais fortes expropriavam os mais fracos, havendo guerras sem fim pelas terras.

Inúmeras doutrinas sociopolíticas que emergem em diversos países são a favor da distribuição igualitária da riqueza, afirmando que o mundo em que vivemos é de todos. Analisando em um pensamento filosófico, essas ideias parecem fazer sentido.

Mas, se fosse possível fazer uma distribuição perfeita da riqueza entre todas as pessoas do mundo, essa igualdade só existiria por alguns segundos, pois, no mundo real, alguns consomem tudo o que ganham, outros consomem parte de seu capital e poupam o resto. E essa redistribuição de riqueza obrigatoriamente teria de ser feita a todo momento.

A seguir, uma passagem bíblica, que não tem fins religiosos, mas apenas para expor uma passagem dentro do contexto desta obra: “O filho prodígio”.

“Essa parábola conta a história de um homem que tinha dois filhos. O filho mais novo resolve pedir ao pai sua parte da herança e vai para uma terra distante viver sua vida como achava que deveria viver. Nessa terra distante, ele vai gastando cada centavo do seu dinheiro com seus prazeres, até que todo o seu dinheiro acaba e ele vira quase um mendigo. No momento mais crítico, ele come até a lavagem que era dada aos porcos, tamanha era a fome que sentia. Ele, então, se lembra da casa do pai e resolve voltar arrependido. É recebido com muita festa pelo pai e rejeitado pelo seu irmão mais velho.”

Analisando o contexto da história, enquanto um filho gastou toda a riqueza como se não houvesse amanhã, outro economizou a herança pensando no futuro. Mesmo se tratando de um caso familiar, esse acontecimento não agrada a todos, como representado pelo irmão mais velho. Imagine se acontecesse esta mesma coisa a pessoas que nem conhecemos. Ou seja, dividir o que foi conquistado com muito sacrifício através do trabalho com outros indivíduos. Seria benéfico para aqueles que gastam dinheiro e não pensam no futuro, pois eles estariam na sombra de pessoas que poupam dinheiro pensando no amanhã. Isto desestimularia as pessoas a gerar riqueza, pois saberiam que teriam de repartir com outros que viveriam à sua custa.

## Os três poderes

Na Idade Moderna, todas as pessoas que viviam sob um reino deviam seguir ordens de uma única pessoa, que possuía o poder supremo sobre os demais. Essa pessoa era o rei absolutista, e a partir dele eram impostos os direitos e deveres dos cidadãos. Tão grande era a sua onipotência, que o rei da França, Luiz XIV, era conhecido como Rei Sol, convencido de ser uma divindade, retratado na sua conhecida frase: “O Estado sou eu”.

Naquela época, existiam muito mais deveres do que direitos, entretanto não era possível usar a famosa “liberdade de expressão” para expor e criticar os ideais tirânicos de seus reis, pois as penalidades para quem o fizesse eram cruéis.

Indignados com estas circunstâncias, pensadores iluministas começaram a usar a razão como instrumento, a fim de quebrar as barreiras intransponíveis do absolutismo. Um dos iluministas, Montesquieu, propôs a quebra do poder absoluto em três segmentos: Legislativo, Executivo e Judiciário. O Legislativo ficaria responsável por elaborar leis, o Executivo por aplicá-las e o Judiciário em punir os renegados da lei.

O nosso país hoje utiliza exatamente esse formato de distribuição do poder, na forma de República Federativa presidencialista. O que um dia foi concentrado em uma única pessoa hoje é distribuído. O poder Legislativo é composto por deputados e senadores; o poder Executivo composto por presidente, governadores e prefeitos; e o poder Judiciário por ministros, desembargadores e juízes. Sendo os cargos legislativos e executivos com

uma duração de quatro anos, que podem ser renovados, caso seus representantes sejam novamente eleitos pelo povo.

Parece ser um sistema perfeito de poderes, pois a princípio são independentes entre si, cada um fazendo o seu papel, sem que seja possível um poder sobrepujar o outro. Porém, a história nos mostra a triste realidade do que ocorre no meio político.

# A lei

Eis os significados do vocábulo lei: “1. Prescrição da autoridade, que determina direitos e deveres dos cidadãos; 2. Princípio, norma, regra; 3. Conjunto de normas; 4. Relação constante e necessária entre causa e efeito”.

Se formos analisar realmente uma lei, esta nada mais é do que alguns seres humanos inventando regras e normas que os demais cidadãos deverão seguir. Porém, quando essas leis são sancionadas, faz nos parecer emanadas por alguém divino, que as criaram para vivermos em paz e harmonia. A Constituição de 1988, que é um conjunto de leis federais, é um exemplo disto, pois faz com que a sociedade brasileira pense que o que está escrito ali foi determinado por anjos celestes, que elaboraram as leis tocando suas harpas douradas.

O modelo político do Brasil deveria funcionar da seguinte forma: parlamentares do Legislativo propõem as leis e os do Executivo as aprovam se concordarem com os prós e contras.

O problema desse sistema é que apresenta muitas brechas para corrupção. Um dos maiores escândalos mundiais de corrupção foi o mensalão, que nada mais era do que juntar o poder do Executivo com o Legislativo. O primeiro pagava boas “mesadas” para os deputados e senadores votarem leis que eram de seu interesse.

Outro problema verificado na construção das leis é que uma grande parte delas é ambígua, devendo, então, ser interpretada de acordo com o que o jurídico entende como correto. Ou seja, o jurídico pode interpretar a lei como bem entende, que estará amparado pela lei.

# Imposto

Para que a gigante estrutura do Estado possa funcionar, recursos não são provenientes do poder milagroso de uma varinha de condão. É necessário arrecadar valores astronômicos, usados assim para pagar servidores públicos, políticos e licitações. Pois esses recursos precisam ser arrecadados através de impostos.

Como o próprio nome diz, impostos são recursos arrecadados a partir do povo de maneira obrigatória, sendo considerado ilegal o não pagamento, vez que estão estipulados por lei. Ou seja, o governo estipula o valor que os impostos terão e, como cidadãos honestos, só nos resta pagar ou pagar. E, à medida que o imposto aumenta, diminuem proporcionalmente os investimentos que seriam feitos pelos próprios cidadãos.

Porém, a grande maioria dos cidadãos considera o governo como uma fonte de benefícios e não como coletor de impostos, afinal os impostos estão escondidos quando pagos, e os benefícios são expostos grandiosamente através de propagandas do governo.

O dinheiro que o fiscal nos retira, sem que percebemos, acontece porque muitos impostos estão embutidos nos produtos que consumimos diariamente. Seguem alguns impostos de produtos:

- pizza: 36%; vestuário: 34%; combustível: 61%; caneta: 49%; medicamentos: 33%; conta de luz: 48%; automóvel 0 km: 30%.

Ou seja, quando semanalmente abastecemos nosso carro com gasolina, pensamos que R\$ 4 é o valor real, devido aos custos do produto, porém, se abastecermos até dar o valor de R\$ 100, R\$ 61 vão direto para o governo. Imagine todos os carros do país

multiplicados pelo consumo médio mensal de automóveis — o valor arrecadado é surreal! No caso da luz, a cada mês que se paga a conta, poderíamos ter pago o equivalente a dois meses. E, no carro zero, então, se o carro custar R\$ 100 mil, mais de 30 mil vão direto para os cofres públicos.

Algumas pesquisas mostram que trabalhamos 153 dias por ano para pagar impostos, ou seja, 41% do que produzimos vão para o erário.

Imagine um círculo com 100 pessoas, e um fiscal enquanto dá uma volta completa, retirando R\$ 1 de cada uma sem elas perceberem. Ao final da primeira volta, ele conseguiu somar R\$ 100, e então dá para o primeiro da roda uma nota de R\$ 50. A pessoa que recebeu o dinheiro fica feliz; na segunda volta, o fiscal faz a mesma coisa, porém entrega os R\$ 50 para o segundo da fila, e assim sucessivamente, até todos terem perdido, sem perceber, R\$ 100. Mas, por outro lado, foram “ganhos” R\$ 50 com uma imensa parabenização do fiscal.

Então, vem a pergunta: aonde foram parar os outros R\$ 50? Grande parte deste valor vai para a inchada folha salarial de servidores públicos ativos e inativos, licitações superfaturadas, propagandas do governo, benefícios e privilégios a algumas seletas classes de pessoas, dentre outras onerosas despesas.

Sendo a porcentagem dos impostos pagas pelo contribuinte legal por lei, por que o governo não aumenta ainda mais a carga tributária? O imposto torna-se autodestrutivo quando ultrapassa certos níveis, pois prejudica diretamente a economia ao diminuir o poder de compra do povo e sufocar empresários com imensas despesas tributárias, obrigando-os a fechar as portas de seus estabelecimentos, com isso dispensando funcionários, gerando um colapso na economia.

# O Estado

Comparando a estrutura política dos países no mundo inteiro, percebemos vários tipos de modelos usados. Mas, basicamente, podemos caracterizar um país observando o poder que o Estado tem sobre ele. Um Estado grande tem como característica o domínio econômico completo de uma nação, sendo dono de tudo. A propriedade privada pertence ao Estado, assim como os meios de produção. Um dos países que utiliza esse sistema nos dias atuais é a Coreia do Norte.

Em outro extremo, temos países com Estado mínimo, que se caracteriza por intervir o mínimo possível na economia de uma nação. Nesses países, a propriedade das pessoas é preservada, e os meios de produção ficam à disposição de qualquer pessoa disposta a empreender. Neste modelo, temos como essência a famosa expressão latina *laissez faire*, que significa “deixe fazer”. Ou seja, as pessoas são livres para fazer o que melhor as agrada, porém devem usar o princípio da não-agressão contra outras pessoas. E, assim, os próprios indivíduos podem ir em busca da felicidade. Um país com estas características é a Suíça.

Existem inúmeras discussões para decidir qual é o melhor modelo político que melhor satisfaça as pessoas. Alguns apoiam o Estado grande, usando argumentos de que este protege os menos favorecidos, assim como centraliza a economia para uma melhor distribuição de recursos. Outros apoiam um Estado mínimo, dizendo ser um melhor meio para garantir a liberdade para os indivíduos.

Um melhor modo de compararmos os modelos políticos usados é comparar o tamanho que um Estado exerce sobre um país por meio do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que é uma medida para avaliar a qualidade de vida de uma população. E, ao observar os dados, veremos que, proporcionalmente, os países que têm como característica um Estado grande possuem os piores IDHs. Já os países com Estado mínimo, como no caso da Suíça, veem seus índices dentre os melhores do mundo.

Outra forma de concluir o raciocínio é verificar usando o “voto com os pés”, ou seja, observar para onde as pessoas querem ir e de onde elas querem fugir. Um bom exemplo é a Coreia, que, após ter passado por inúmeros fatos históricos, em dado momento se dividiu em duas. A do Norte ficou sendo gerenciada por um dos maiores Estados que existem, já a do Sul estabeleceu uma política de Estado mínimo.

Nota-se que milhões de norte-coreanos tentam todos os dias passar das fronteiras militares para poderem chegar até a Coreia do Sul, porém não se observa nenhum sul-coreano tentando passar as fronteiras militares para chegar até a Coreia do Norte. Este fato ocorre porque os norte-coreanos estão sofrendo, não sendo possível nem mesmo sair de seu próprio país, pois não possuem liberdades individuais.

# Preços

Um dos pilares de uma economia livre são os preços dos produtos de consumo comum. Quando compramos algo, o preço pago por ele tem mais a nos dizer do que apenas alguns números fixados na prateleira. Tudo o que aconteceu desde o início da fabricação de tal produto até este estar nas mãos do consumidor é refletido no preço final. Por isso que muitas vezes observamos alguns produtos que oscilam muito de valor.

A economia é muito versátil e dinâmica, e um fator que influencia na oscilação do preço final são os custos de produção. Em uma hipótese de compra, vamos a um mercado e compramos 1 quilo de limão por R\$ 2. Ao ser feita a compra, achamos que, de uma forma subjetiva, o valor do limão é fixo, imutável. Como se o valor sempre fosse este, pois se um dia compramos por tal valor, não tem por que ser mudado. O raciocínio parece lógico, porém devemos incluir as externalidades, que diretamente influenciam no preço final. Ao voltarmos ao mesmo mercado, observamos que o preço do limão subiu para R\$ 7 o quilo.

Nesta ocasião, foi questionado o porquê do aumento exorbitante, e verificamos que foi devido a uma ponte interditada, que fez com que o vendedor tivesse de alugar uma embarcação para poder finalizar a venda do seu produto. Para não ficar no prejuízo, teve que distribuir este custo extra, embutindo no quilo do limão e repassado para o consumidor final.

No objetivo de saciarmos nossas necessidades, somos induzidos a comprar da forma mais vantajosa quanto possível. Obtendo,

assim, o máximo de vantagem pelo menor custo. Mais por menos é a regra.

Ao procurarmos um produto específico, pesquisamos ao máximo até encontrarmos um menor valor, para procedermos a compra. O importante é sempre gastar o mínimo possível para obter as melhores vantagens, pois os interesses próprios sempre prevalecem.

Ao avaliar estados de satisfação que o homem interpreta, pode haver diferenças entre escolhas mesmo se o valor gasto for maior. Um exemplo é na escolha de um restaurante para satisfazer sua fome. Existem inúmeros restaurantes na cidade, e nem sempre a escolha é pelo que tem o menor preço, pois, diferentemente da pesquisa pelo mesmo sapato, a comida que um restaurante proporciona ao seu público nem sempre será a mesma do seu vizinho. Neste caso de consumo, geralmente se segue o fator custo-benefício. Sempre almejamos comer a melhor comida pagando o mínimo possível, e nunca o inverso.

Os clientes, na esmagadora maioria das vezes, não são fiéis aos estabelecimentos em geral. Normalmente compram produtos nas mesmas lojas, mas, se o concorrente oferecer uma pequena vantagem em relação aos demais, certamente mudarão o local de fazer compras.

As empresas tentam de todas as formas fidelizar os clientes, mas, para isso, precisam estar à altura, satisfazendo-os melhor que seus concorrentes, podendo, assim, mantê-los “fiéis”. Nas trocas voluntárias, o comprador entrega o dinheiro para ser trocado por algum produto que o interesse, sem ser obrigado a fazer, isto é, o faz de livre e espontânea vontade. E o vendedor entrega o produto, e recebe o dinheiro do seu cliente, pois lhe interessa o dinheiro do cliente ao invés de ficar com o estoque cheio.

## O mercado

“Em 8500 a.C., alguém poderia derramar lágrimas amargas por causa da revolução agrícola, mas era tarde demais para desistir da agricultura. Da mesma forma, podemos não gostar do capitalismo, mas não podemos viver sem ele.”<sup>2</sup>

As trocas voluntárias estão mudando o mundo, tornando-o mais próspero. A cada década que passa, os índices de desenvolvimento mundiais estão melhorando, ajudando a combater a fome e as condições sub-humanas de vida. Criticar o capitalismo é o mesmo que almejar voltarmos mais de dez mil anos atrás, para reviver as condições que nossos antepassados tiveram, ou seja, caçadores-coletores que viviam na penúria e na miséria.

A economia inglesa indicou o caminho do capitalismo moderno. Iluministas como Adam Smith ajudaram a tornar possível um progresso jamais imaginado na Inglaterra do século da luz, motivando a liberdade individual a alcançar seus próprios objetivos, de modo que cada indivíduo podia acreditar e ir atrás dos sonhos, fazendo o país como um todo prosperar.

Os índices mostram claramente que a qualidade e o padrão de vida das pessoas estão intrinsecamente ligados à liberdade econômica de seu país. Obviamente, quanto mais facilmente realizarmos comércio em determinada região, mais próspera ela será, os números não mentem. Infelizmente, por entraves políticos, os países que dificultam a liberdade econômica das pessoas em fazer negócios

são os mais pobres e menos prósperos. A prosperidade não tem a ver com etnia, cor ou religião, e sim com liberdade econômica.

O Brasil apresenta-se como um dos piores países em termos de livre comércio, tanto internacional como também internamente. Para se abrir uma empresa no Brasil, é necessário esperar várias semanas, gastar muito dinheiro com burocracia e ainda correr o risco de o governo barrar o processo. Já em outros países, a empresa é aberta no mesmo dia do pedido e o custo é praticamente zero.

Ao tentar se arriscar nesta selva que é o empreendedorismo no Brasil, o empresário, se tiver competência, sobreviverá. Pois, além da concorrência, os empecilhos e regras são imensos. E, como se não bastasse, os poucos que conseguem se manter no mercado, são tachados pela sociedade de mercenários e opressores.

A respeito dos empresários, muitas pessoas dizem a seguinte frase: “Eles só querem ganhar dinheiro”. Quem na nossa sociedade, em sua consciência, levanta seis horas da manhã para ir para o trabalho deixando em casa a família para se estressar com clientes chatos e no final do mês não ganhar nada por isso?

A função de um empresário, em uma economia de mercado, é servir seus clientes. Nenhum cliente é obrigado a comprar determinado produto ou serviço por obrigação. Pessoas buscam gastar seu dinheiro da melhor forma possível, usando apenas no que lhe for útil, de livre e espontânea vontade.

Diz o ditado popular que “o cliente sempre tem razão”, mostrando que o cliente é o soberano, sendo considerado o patrão do empresário. Esse ditado muitas vezes é interpretado de uma forma um pouco distorcida, dando a impressão que o cliente pode fazer o que quiser no estabelecimento, exigindo direitos

inexistentes. A essência do ditado, no entanto, é que as escolhas dos clientes moldam as tendências do mercado.

Não raro, as escolhas dos consumidores podem ser consideradas não muito inteligentes, satisfazendo assim aquele empresário que for mais estratégico em agradá-los. Ou seja, empresários que não colocam em suas prateleiras produtos que jamais consumiriam estão sujeitos a perder muitos clientes em potencial por puro capricho.

Empresários de sucesso antecipam em suas empresas o que os clientes irão precisar no futuro. Logicamente, essa antecipação é um risco que eles correm, pois determinada configuração poderá vir a se concretizar ou não no mercado. As pessoas que tanto criticam os empresários, que fiquem à vontade para abrir suas empresas; o caminho para o enriquecimento é fácil, bastando apenas satisfazer o público oferecendo-lhe algo mais barato ou que seja mais atraente que o concorrente.

## Divisão de trabalho

“A ideia de que alguém poderia viver melhor se não existisse a sociedade humana é uma ideia absurda. Graças à maior produtividade de cooperação social a população cresceu a um nível superior. Todos os homens usufruem de um padrão mais elevado do que seus ancestrais.”<sup>3</sup>

Se o pensamento acima não estivesse correto, veríamos milhões de pessoas indo morar em lugares retirados, como a Amazônia e o Alasca, tentando fugir da sociedade, almejando melhorar seu padrão de vida.

Um fator crucial para o aumento da produtividade foi a divisão do trabalho, tornando-o mais eficaz do que o trabalho solitário. Seria impossível se tivéssemos que, sozinhos, produzir tudo o que consumimos, e jamais poderíamos ter o padrão de vida que temos hoje.

Já foram feitos vários testes, comparando pessoas que tentam fazer as tarefas ao mesmo tempo e pessoas que fazem uma determinada tarefa de cada vez. Fazer uma tarefa por vez é muito mais eficaz e produtivo. No começo do século XX, Henry Ford conseguiu potencializar os resultados de sua empresa inovando e criando a produção em série, que consistia em fazer os produtos irem até os trabalhadores através de esteiras e guinchos.

Cada trabalhador fazia apenas uma única tarefa na área de montagem, passando assim de um para outro, até o último trabalhador montar o produto final. Com isso, a empresa de Ford conseguiu aumentar a produção de veículos, barateando seu

custo, sendo possível a compra por pessoas que antes não tinham dinheiro para adquirir um carro 0 km.

Se a produtividade fosse hoje menor do que era antigamente, o homem seria forçado a trabalhar mais ou a renunciar de muitos de seus confortos. Isso não aconteceu por que os países se obrigaram a ser interdependentes uns com os outros. E, se por algum motivo algum país se fechar, não querendo entrar no mercado, será desvantajoso para o mundo todo, pois este país não conseguirá produzir de uma forma eficaz tudo o que precisa, faltando-lhe matérias-primas, tecnologia e profissionais habilitados.

Um produto em sua forma final normalmente tem uma longa jornada até estar nas mãos do cliente. Tomemos como exemplo um simples lápis, que, para ser fabricado, precisou de várias matérias-primas. Uma delas é a madeira, que provavelmente foi serrada de uma árvore próxima da fábrica, e, para que a serra pudesse estar disponível, foi preciso utilizar o aço, fabricado a partir do minério de ferro, retirado de uma mina de ferro. A grafite pode ter vindo de uma mina da América do Sul, primeiramente retirada do local, em seguida armazenada e distribuída por trabalhadores. A borracha provavelmente veio de uma seringueira da Malásia, de onde a seringueira não é sequer nativa, pois foi importada da América do Sul por alguns homens de negócio. A parte metálica que segura a borracha é formada a partir do cobre, podendo ter vindo de minas situadas no Chile.

Milhares de pessoas cooperaram para fazer um lápis, mesmo não falando a mesma língua, tendo a mesma religião e costumes. Pessoas que poderiam até se odiar umas às outras caso se encontrassem. Quando compramos um lápis, na verdade estamos trocando alguns minutos de nosso trabalho por alguns segundos do tempo de todas aquelas milhares de pessoas. A cooperação entre humanos é um dos pilares da civilização.

# Inflação

Geralmente, as pessoas têm o costume de fazer suas compras nos mesmos mercados, mais por comodidade do que por rentabilidade. Com a correria do dia a dia, muitas vezes o nosso tempo é mais precioso do que determinada economia que obteríamos se fizéssemos pesquisa de preços. E, ao retornar no mês seguinte, ao mesmo mercado, notamos que os preços não estão exatamente como no mês anterior, exceto nos produtos tabelados como, por exemplo, o cigarro.

Isso acontece, dentre vários fatores, devido à oferta e demanda. O dono do mercado coloca os preços nos produtos almejando lucrar o máximo possível, mas não pode subir demais os preços, senão seus clientes comprarão em outro lugar, ou ficará estocado na prateleira. Os clientes optarão por gastar o mínimo possível de seu precioso dinheiro. Isso é natural em uma economia de mercado, as oscilações e instabilidades fazem parte do processo. Porém, o problema é quando temos oscilações de preços geradas a partir de um aumento excessivo na quantidade disponível de moeda.

Se um país estiver com crescimento de 0% do PIB (Produto Interno Bruto) e aumentarmos a oferta de moeda em 20%, o levaremos a uma inflação generalizada dos preços, pois as pessoas pensarão estar mais ricas, e com isso tenderão a gastar mais. Já os empresários, vendo que a população ficou rica do dia para a noite, aumentarão os preços de seus produtos, gerando um efeito cascata de aumentos que atingirá toda a economia. Todavia, este aumento de 20% na oferta da moeda não será proporcional a

todos os cidadãos do país. Quem se beneficiará serão os primeiros a receber esta moeda extra, sendo desvantajoso para os últimos, que seriam as classes mais pobres.

Vou explicar a inflação usando uma ilustração de outra natureza. O pôquer é um jogo de cartas muito difundido no mundo inteiro, levando milhões de pessoas a jogá-lo todos os dias. Uma das formas de se jogar é no formato de campeonato. Não vem ao caso explicar detalhadamente como se jogar, mas para quem gosta de adrenalina e correr riscos, é um jogo bastante empolgante.

No campeonato, é cobrada uma taxa de inscrição (igual para todos os participantes) e, em seguida, cada um recebe um determinado número de fichas pré-estipuladas. O objetivo do jogo é ganhar o maior número de fichas, assim eliminando seus rivais. Ao final do jogo, serão premiados em dinheiro os primeiros colocados. Porém, no meio do jogo, o campeonato é pausado para a opção de compra de fichas, chamado no pôquer de add-on. Mas os participantes não são obrigados a pagar por essas fichas extras — muitos compram para ter mais chances de ganhar o campeonato, uma aposta lógica.

Então, vamos analisar economicamente o que aconteceu durante a pausa do campeonato. Alguns que compraram fichas a mais aumentaram sua porcentagem de fichas em comparação aos participantes que não compraram fichas extras. Ou seja, de uma hora para outra, alguns ficaram mais ricos do que outros, sem precisarem ter ganho no jogo propriamente dito.

A inflação é destrutiva porque algumas pessoas se beneficiam enormemente, enquanto outras sofrem. Isto acontece quando o governo cria dinheiro em excesso, na forma de expansão de créditos para as pessoas, ou quando cria dinheiro para pagar contas públicas.

Sempre achei, quando era jovem, que, na Casa da Moeda, deveriam estar presentes diplomatas de outros países, para que o Brasil não imprimisse muito dinheiro além do que “deveria”. Pois assim o país teria uma fiscalização mundial, não podendo, então, imprimir dinheiro até ficar rico.

Na verdade, esse mecanismo de proteção aos demais países não é necessário, pois se um país imprimir dinheiro muito além do que cresce sua economia, sua moeda perde valor, gerando assim inúmeros problemas econômicos para a nação.

Para uma pessoa ser considerada milionária, basta possuir alguns gramas de diamante de boa qualidade. Isso porque o diamante é muito escasso e é difícil extraí-lo da natureza, além de almejado pelas pessoas pelo status que dá e também sua raridade, o que faz com que seu preço seja extremamente alto. Mas, se hipoteticamente um cometa formado por diamante puro, de boa qualidade, entre em contato com nossa atmosfera e se despedace devido ao atrito, e como em um passe de mágica caísse um quilo de diamante na mão de cada cidadão do mundo, aí então quem era milionário (porque possuía alguns gramas de diamante) do dia para noite se tornaria pobre, devido à abundância do material.

O que antes valia milhões de dólares agora vale centavos, por não ser mais raro nem cobiçado por todos. Isso mostra que a riqueza de um país não pode ser aumentada imprimindo mais dinheiro. A riqueza vem da capacidade de um país produzir produtos e serviços que serão comprados por pessoas do mundo todo.

## PROTECIONISMO

Em sua semântica, a palavra protecionismo significa algo benéfico para a humanidade. Mas, na prática, quando protegemos alguém, isso necessariamente faz com que outras pessoas sejam prejudicadas. Neste capítulo, iremos observar que nem sempre proteção significa benevolência universal.

## Direitos e deveres

A frase “direito do cidadão” exalta o ser humano na sua forma mais plena. Enaltecendo as garantias e poderes que cada cidadão possui por existir. Indivíduos de outros planetas pensarão que o paraíso já começou por aqui.

Seríamos as pessoas mais felizes se todas as leis de nossa Carta Magna fossem seguidas meticulosamente, pois nela — em nossa Constituição — a palavra direito aparece dezenas de vezes, e apenas algumas vezes a palavra dever. Não precisa ser nenhum doutor em economia para saber que um país nunca será próspero nestas condições. Tente educar um filho usando as mesmas proporções entre direitos e deveres, e verá que o futuro dele será desastroso.

Esta desproporcionalidade total da nossa Constituição Federal se deve ao fato de o Estado, estrategicamente, reafirmar ao povo que ele é o nosso salvador e guardião, fazendo as pessoas confiarem cega e imensamente em todas as suas ações, independentemente de seus atos.

Em períodos de campanhas eleitorais, sempre vemos candidatos em seus discursos prometendo e assegurando os direitos do povo, anunciados em voz alta. Jamais, em sua retórica, mencionam a palavra dever, como se a sociedade não precisasse do dever “trabalho” para se manter. Almejando cargos políticos através dos votos de seus concidadãos, os candidatos prometem o possível e o impossível para o povo brasileiro.

A criação de direitos tem um poder de subtração. Suponhamos que em uma casa existem gêmeos e a mãe deles paga R\$ 5 para cada um por bom comportamento no dia. Chegando em casa,

um dos irmãos exige ganhar R\$ 6 por ter feito primeiro a tarefa da escola. A mãe, sem hesitar, paga os R\$ 6, parabenizando-o. Porém, quando vai pagar o outro gêmeo, que também se comportou bem naquele dia, percebe que só tem mais R\$ 4 para sanar tal despesa, tendo assim este filho que se contentar com menos. Logo, um gêmeo, com base nos direitos que lhe foram dados, foi favorecido em detrimento do outro gêmeo — o segundo sofrendo subtração de seus direitos em troca da concessão dos direitos do primeiro.

A seguir, veremos como tal fenômeno ocorre na vida real e como pode ser bem mais conflituoso do que na ilustração supracitada.

## Amigos do rei

Possuir amigos em cargos importantes no governo sempre foi sinônimo de vantagens. A vida é mais fácil quando se tem parceiros comandando o Estado do que para reles cidadãos mortais que não possuem interação com a corte. Por isso, o interesse em ajudar conhecidos, e parentes tornarem-se membros do Estado.

Em 1500, caravelas de Pedro Álvares Cabral tocaram as terras abençoadas por Deus chamada Brasil. Para então descrever os acontecimentos da viagem e a tal descoberta, foi escrita uma carta ao rei de Portugal, Dom Manoel I. Esta carta foi escrita pelo escrivão de viagem Pero Vaz de Caminha, que nela descreveu acontecimentos da viagem, as terras do Novo Mundo e a cultura de seu povo. Porém, em um trecho da carta, o escrivão solicita ao rei um cargo no governo para seu sobrinho, além de pedir a soltura de seu genro, que estava preso. Nasciam, assim, o nepotismo e os primeiros “favores” políticos no Brasil.

Passadas centenas de anos, já no século XXI, com a nossa monarquia extinta, a conduta de levar vantagem por meio do governo ainda perdura. Mudaram apenas os elementos da história: reis foram substituídos por políticos eleitos e a monarquia pela República. O enredo é o mesmo.

Em cidades pequenas, as leis parecem favorecer ainda mais a corte do Estado e seus amigos. Os prefeitos eleitos usam a legislação conforme seus interesses, bem como envergam o jurídico contra aqueles que são contrários e reacionários perante seus ideais.

O fato que mencionarei a seguir acontece em cidades pequenas do país inteiro. Mercados de grande porte geralmente são de propriedade de amigos e familiares do prefeito. Como então são os “reis” da cidade, farão de tudo para barrar a abertura de novos mercados que não pertencem à “família real”. A legislação estará a favor da corte do prefeito, pois existem centenas de milhares de leis que, se forem seguidas à risca, praticamente impossibilitarão a abertura de um novo mercado, de modo que o chefe do Executivo poderá lançar mão de argumentos não infundados, como: raio mínimo entre mercados; ter estacionamento que comporte infinitos carros; estar a menos de dez quilômetros de área de manancial etc.

A obstrução da concorrência é inevitável para os que querem vantagens nobres. Quando se é único em uma região, as pessoas se obrigam a comprar no estabelecimento, mesmo se os serviços prestados forem péssimos e os preços, altos. Ao entrar um concorrente no livre mercado, as coisas mudam. Ao antigo empresário que até então era soberano, sobrarão três alternativas honestas a seguir: manter os negócios como sempre foi e assistir ao seu concorrente ocupar seu lugar; melhorar os serviços prestados e diminuir seus preços, para não perder clientes; ou então mudar de ramo.

Porém, o problema é quando o empresário amigo do rei parte para a quarta alternativa, que, com a ajuda do Estado, tentará de qualquer forma barrar a concorrência, alegando que seus funcionários poderão perder o emprego se as vendas caírem. Como se fosse um altruísta nestas horas.

Ao proteger o empresário e sua posição empresarial privilegiada, sem ter de enfrentar concorrência, o Estado estará ajudando uma ínfima parte, que seria o dono do estabelecimento,

e prejudicando os demais, que seria a cidade inteira. Ao abrir o livre mercado, a concorrência é inevitável, sendo ótima para todas as pessoas da cidade, pois assim os estabelecimentos se verão forçados a melhorar o serviço e diminuir os preços para poderem ter clientes. Além de os estabelecimentos precisarem contratar pessoas para trabalhar nas novas empresas, gerando, assim, mais renda para as famílias, movimentando a economia da cidade. Ou seja, em um livre mercado, todo mundo ganha, exceto os “amigos do rei”.

Como já dizia Manuel Bandeira:

“Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
[...]  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
[...]  
Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
[...]”<sup>4</sup>

## Meia-entrada

Sempre quando um grupo é favorecido pela lei, os demais serão diretamente prejudicados. Isto é evidenciado na lei da meia-entrada, que garante o benefício para estudantes, que pagarão a metade do valor da entrada para eventos, como: shows e sessões de cinema e de teatro. Apoiadores desta lei argumentam que se trata de um incentivo para jovens irem a eventos culturais, merecendo pagar mais barato.

Assim, nossa primeira impressão é de que a lei da meia-entrada é justa, mas devemos lembrar que, por trás de um evento cultural, como no caso de uma peça teatro por exemplo, existe todo um aparato para que torna possível sua realização. O espetáculo precisa, com o dinheiro arrecadado, compensar seus custos e gerar ganhos para o dono ou promotor do evento, que investiu nele com a expectativa de auferir lucros. Considere que os funcionários não irão receber a metade do salário devido à lei da meia-entrada ter sido aderida, tampouco os atores principais. A diferença concedida aos estudantes deverá ser paga por alguém.

Imagine que um teatro de uma determinada cidade comporte 100 pessoas sentadas confortavelmente. Antes de a lei ser sancionada, o ingresso era vendido por R\$ 200. A peça era famosa e sempre lotava. O teatro tinha um custo diário de R\$ 17.000, que envolvia artistas, figurino, iluminação, aluguel, dentre outros. O que sobrava ficava para o empresário do evento, que, se a casa enchesse, ficaria com R\$ 3.000 de lucro. Após a lei da meia-entrada ser sancionada, porém, o empresário ficou obrigado a destinar 40% dos ingressos aos estudantes, por metade do valor.

A contabilidade agora muda, pois os estudantes doravante vão pagar apenas R\$ 100 por entrada. Multiplicando então os 40 estudantes por R\$ 100, traria uma rentabilidade de R\$ 4.000. Já os não estudantes renderiam uma quantia de R\$ 12.000 (60 não estudantes multiplicados por R\$ 200). Totalizando uma receita de R\$ 16.000 para o teatro, valor que não paga nem as despesas da casa, muito menos provém o lucro do empresário.

Pode parecer, mas eventos culturais não são filantrópicos. Se não houver lucro e dinheiro para pagar as despesas, o evento acaba. Para manter vivo o teatro, é então preciso ter de aumentar o valor da entrada cheia para R\$ 250. Com esse valor, a casa conseguiria ter a mesma rentabilidade que tinha antes da lei, pois se agora multiplicarmos os 40 estudantes por R\$ 125 de entrada, obteríamos uma receita de R\$ 5.000, e com os não estudantes levantaríamos uma cifra de R\$ 15.000 (60 não estudantes multiplicados por R\$ 250), somando um total de R\$ 20.000 — sendo este o mesmo valor que era arrecadado anteriormente à lei.

Verificamos que o desconto de 50% que o estudante tem assegurado pelo benefício não foi pago pelo Estado, e sim por pessoas que não têm direito a este benefício. Ou seja, o Estado agradeu os estudantes com o dinheiro dos não estudantes.

Conforme cita Olavo de Carvalho, “a palavra ‘direito’ é apenas um modo eufemístico de designar a obrigação dos outros”<sup>5</sup>.

## Direitos adquiridos

As pessoas acreditam que, uma vez conquistado o almejado direito, o qual provavelmente beneficiará apenas um grupo de pessoas, este será eternizado, que nada poderá mudar o que foi conseguido com tanta luta e determinação.

Se formos seguir esta linha de raciocínio, a pessoa mais injustiçada no nosso país seria Dom Luiz de Orleans e Bragança. Ele é bisneto da princesa Isabel, que foi a responsável por assinar a Lei Áurea em 1888, abolindo a escravatura no Brasil. Esta lei fez com que o direito adquirido dos donos de escravos em poder tê-los como propriedade fosse extinto.

A retirada do direito adquirido de uma minoria, que eram os donos de escravos, fez com que a humanidade passasse a ser mais justa, impedindo, assim, que qualquer ser humano pudesse tornar-se propriedade de outro ser humano.

O brasileiro Dom Luiz de Orleans e Bragança é trineto do ilustre Dom Pedro II, sendo descendente direto da linhagem real de quando o Brasil era um Império. Com a derrubada da Monarquia, sendo implantada a República, todos os direitos adquiridos da família real foram automaticamente extintos. Tornando o descendente da linhagem a pessoa mais injustiçada do Brasil em se tratando de direitos adquiridos, pois deveria ser, naquele momento, o futuro imperador do país.

Na Europa do século XVIII, os ideais do Iluminismo atingindo todas as camadas sociais fizeram com que muitas pessoas da elite ficassem receosas com os pensamentos liberais. Logo,

um dos princípios que provocou a ira de tradicionalistas foi a exigência de que a promoção dos oficiais do exército e dos funcionários públicos fosse baseada no mérito e nas habilidades, e não na ascendência. Observamos, então, que a manutenção dos privilégios de poucos faz parte da natureza humana.

## A saúde é direito de todos e dever do Estado

No âmbito de fazer as pessoas acreditarem e confiarem no Estado, o governo sanciona inúmeras leis que soam como sendo benéficas a toda a população, como se o Estado tivesse uma vara de condão para realizar todas as suas promessas. A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 196, diz: “A saúde é um direito de todos e dever do Estado”. Se fôssemos realmente colocar esta lei em prática, teríamos alguns problemas operacionais e econômicos.

A saúde gasta uma porcentagem alta do total numérico adquirido dos contribuintes, e em números absolutos somam uma boa quantia de recursos públicos. Ainda segundo o Artigo 196 da CF, o Estado deveria abranger e solucionar os problemas referentes à saúde, mas se formos verificar se a lei está sendo executada no Brasil inteiro, chegaremos a um resultado muito aquém daquele previsto na Carta Magna. Filas de pessoas precisando de atendimento urgente e hospitais e postos de saúde em condições sub-humanas. Junto à pseudogestão do Estado sobre os recursos destinados à saúde, são contabilizados gastos espúrios como: desvio de dinheiro, licitações superfaturadas e a burocracia que mais atrapalha do que ajuda.

Neste modelo, como o Estado utiliza os recursos destinados para a saúde perdendo boa parte deles no ralo da corrupção e da má administração, seria necessário multiplicar algumas vezes o orçamento para obtermos um serviço de qualidade, digno aos brasileiros, e ainda fazer jus ao seu lema: “Universalidade, equidade e integralidade”.

Deveríamos, também, somar nestes custos o valor que pessoas pagam por serviços de saúde em instituições privadas. Uma pessoa que procura um atendimento médico particular não vai porque gosta de gastar dinheiro, e sim por estar necessitando do serviço que não obteria no sistema público.

Se formos exigir à risca nossos direitos à saúde, conforme nossa Constituição, teríamos à disposição todos os medicamentos que compramos com nosso próprio dinheiro e a realização de exames e afins ao tempo e à hora, custeados pelo governo. Porém, para isto acontecer, os gastos certamente ultrapassariam as receitas, não sobrando recursos para serem destinados às outras áreas como educação, segurança e aposentadorias (que, diga-se de passagem, já sofrem com suas próprias carências).

O problema de um direito adquirido é que, inevitavelmente, em algum momento, ele deverá ser anulado ou pelo menos alterado. Não obstante, as pessoas que o perdem terão a impressão de estarem sendo lesadas, pois acreditavam elas seus direitos serem eternos, imutáveis, invioláveis — afinal algum dia assim foi prometido, e assim se presumiu permanecer.

# Aposentadoria

Um dos direitos adquiridos que está sendo mudado é o da aposentadoria, deixando milhões de pessoas enfurecidas e indignadas. A aposentadoria em si consiste em um valor recebido por indivíduos que contribuíram com a previdência durante determinado número de anos. Parece um sistema justo: você contribui com um valor quando está produzindo e, após o tempo preestabelecido, começa a ganhar o salário do Estado, como se fosse um investimento.

Um dos problemas desse sistema é que a expectativa de vida aumentou muito nos últimos anos, tornando um dos agravantes na contabilidade do Estado, pois agora inúmeros contribuintes vão receber muito mais do que “investiram”. Conheço muitas pessoas do meu próprio convívio que se aposentaram com menos de cinquenta anos, e se Deus quiser, vão passar dos cem anos.

Temos que contabilizar, também, a mudança da configuração etária da sociedade brasileira. Em 1960, para cada pessoa que estava aposentada, tínhamos mais de nove pessoas ativas, produzindo e contribuindo para que o direito à aposentaria fosse mantido. Em 2019, a proporção mudou drasticamente; agora, enquanto temos uma pessoa aposentada, apenas cinco contribuem. Já com esta proporção, o Estado tem déficit em sua contabilidade, pois os gastos destinados para as aposentadorias são enormes.

A tendência é aumentar ainda mais o déficit se o modelo de aposentadoria não for ajustado, pois já estamos em uma situação complicada, e a tendência, se nada mudar, é que em 2060

tenhamos, para cada 1 aposentado, 1,6 pessoa ativa no mercado de trabalho contribuindo para este sistema — numa lógica totalmente colapsada.

Em 1888, a Lei Áurea (em tese) libertou todos os escravos do Brasil. Se nada for feito quanto ao atual modelo de aposentadoria no intuito de mantermos direitos adquiridos, teremos um futuro parecido com o passado — com os dias de escravidão. Cada aposentado terá praticamente um “escravo” para mantê-lo, conforme estipulado pela lei.

## Funcionalismo público

Milhões de pessoas tentam todos os anos passar de qualquer forma em algum concurso público, mesmo que tenham de mudar de cidade para isto. Muitos dos chamados concurreiros odeiam o governo e mesmo assim querem trabalhar para ele. Qual, então, é o motivo? Estabilidade e salário.

No mercado de trabalho atual, as pessoas têm medo e convivem com a insegurança, por isto almejam empregos estáveis, diminuindo assim sua maior preocupação, que é ficar desempregado. E o que vem a ser esta almejada estabilidade? É quando um indivíduo não pode ser mandado embora, independente das suas circunstâncias, exceto se cometer um crime grave, como matar alguém no trabalho ou praticar roubo na própria instituição. E ainda precisa ser analisado pelo jurídico se realmente poderá ser exonerado do seu cargo.

A estabilidade é um recurso criado pelo homem nunca existido anteriormente. Em uma economia dinâmica, setores da economia ora estão em alta, ora estão em baixa. A empresa Kodak, por exemplo, viveu seu auge nos anos 1990, quando parecia estar em plena estabilidade financeira, com excelentes vendas de filme para câmeras fotográficas. Se para esta empresa fosse dado o direito da estabilidade eterna, jamais teríamos a opção de usar máquinas fotográficas digitais, pois se assim o fosse, estaríamos destruindo a estabilidade concedida para a Kodak.

Semanticamente, estabilidade quer dizer que, tanto em condições favoráveis como desfavoráveis, nada irá interferir no

bem-estar do indivíduo que tem este privilégio. O problema é quando as condições são péssimas e mesmo assim não podemos mexer no direito concedido. E assim, para a matemática fechar, teremos que tirar recursos de outras pessoas a fim de manter os direitos de poucos.

Outro fator que faz os concursos públicos terem uma altíssima concorrência são os salários pagos acima do mercado. Isso é extremamente positivo para o concurseiro, pois é vantajoso ganhar mais fazendo o mesmo serviço. No governo, os salários são, em média, muito maiores do que na iniciativa privada, apesar de os agentes realizarem as mesmas atividades.

Isto acontece porque o governo tem um caráter centralizador. Primeiro ele recebe os recursos na forma de impostos e depois redistribui conforme seu desejo, tentando mostrar para a sociedade que é generoso, e por isto paga bons salários para seus funcionários. O problema é que ele não tem capacidade de empregar toda a população pagando bons salários. Por isto necessita realizar concursos públicos, a fim de filtrar seus novos colaboradores.

Não que eu esteja criticando estritamente os funcionários públicos, afinal eles estão exercendo seu trabalho de uma forma legal, amparados pela legislação, fizeram uma prova seletiva e seu score foi maior do que o de seus concorrentes, estando aptos, portanto, a ocupar o cargo pretendido. As críticas são para o sistema como um todo.

Em tese, um funcionário público não tem motivação para fazer o seu melhor, pois ganha o mesmo salário independente da sua produção e, como ele é protegido pela lei e não pode ser mandado embora sem justa causa, a tendência é que sua produtividade seja bem menor do que se estivesse trabalhando na

iniciativa privada. É da natureza humana se esforçar o mínimo possível se for para ganhar a mesma recompensa.

Os trabalhadores das empresas privadas são promovidos conforme seu esforço e produtividade, aumentando, assim, seus salários. Já os funcionários públicos são promovidos por tempo de serviço.

Sem contar melhores salários e estabilidade, funcionários públicos são privilegiados com outras benesses, como: se aposentar com salário integral (existe um teto para o trabalhador que se aposentar pelo INSS); a cada cinco anos de trabalho, o funcionário público tem direito a três meses de licença premium, sem contar as férias normais; licença-paternidade estendida; dentre inúmeras outras. E, mesmo assim, não satisfeitos, sempre exigem mais direitos de um Estado que se encontra há muito tempo em déficit com relação aos seus gastos.

Quando precisamos de um serviço público, as primeiras coisas que nos vêm à mente são: filas, péssimos serviços e problemas não resolvidos. E o pior é saber que serviços concedidos pelo governo são muito onerosos aos cofres públicos. Se formos comparar, existe um abismo nos serviços prestados entre instituições públicas e empresas privadas.

## Seguro – desemprego

Por lei, é assegurado ao trabalhador, quando este for mandado embora, ganhar um salário mensal do governo por um período de até cinco meses. Todos os trabalhadores consideram o seguro-desemprego um direito digno, relevante e essencial devido às mudanças na economia, visto terem uma ajuda quando estiverem desempregados.

A intenção desta lei seria ajudar pessoas que perderam o emprego e, com o auxílio do governo, poderem manter a mesma qualidade de vida até que consigam achar um novo emprego. Porém, existem algumas brechas que tornam o auxílio-desemprego muito mais oneroso do que deveria ser.

Não raro, o indivíduo que ficou desempregado só começa a entregar currículos para tentar entrar em um novo emprego no último mês de vigência do referido benefício. Sendo que, como já foi dito, a razão desta lei é de manter o desempregado até que ele consiga recolocar-se no mercado. O mais sensato seria, portanto, começar a procurar emprego a partir do primeiro dia de desempregado. Mas não é o que acontece na maioria das vezes. Ou seja, o Estado irá pagar vários meses de salário para as pessoas ficarem gozando do seu benefício em casa.

Existe outro grupo de pessoas que, ao serem mandadas embora, imediatamente acionam seus contatos profissionais para conseguirem um novo emprego o mais rápido possível. Porém, quando consegue um novo trabalho, ele pede para o patrão não o registrar imediatamente, pois assim não perderá seu benefício.

Muitos patrões acabam acatando o pedido, por “camaradagem” e por pagarem menos impostos trabalhistas. O novo empregado “contratado” receberá, então, o salário normal da firma mais o seguro-desemprego, afinal ele ainda está “desempregado” aos olhos do Estado.

Temos, ainda, que relatar outro caso em que o seguro-desemprego é explorado pelos beneficiários. Trata-se de quando o trabalhador pede para ser mandado embora pelo patrão a fim de ganhar todos os benefícios estipulados pela lei. Assim, além de conseguir sacar o FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), ele receberá o seguro-desemprego mesmo trabalhando, pois o patrão mandou o funcionário embora apenas no papel, o qual continua a trabalhar na mesma empresa sem registro. E depois de um tempo é registrado novamente, como se nada tivesse acontecido.

Se uma pessoa leva algum tipo de vantagem ilegal, o jurídico deveria punir conforme a legislação vigente. Mas, se existem leis e ninguém as cumpre, é como se não houvesse leis. O crime acaba compensando. E se alguém está levando vantagem, mesmo ilicitamente, outra pessoa também irá querer levar.

## Aposentadoria por invalidez

A aposentadoria por invalidez é outro direito assegurado pelo Estado em casos que o trabalhador não consegue mais realizar suas atividades laborais. Nestas circunstâncias, ele tem direito a começar a receber a aposentadoria mesmo não tendo idade e tempo de contribuição. Outro caso em que as intenções da lei são boas, porém os resultados são desastrosos.

Para o trabalhador que está na ativa, o INSS recolhe, diretamente da folha de pagamento, uma quantia mensal, como se fosse um seguro obrigatório que cada um paga, de modo que se ocorrer com ele algum acidente que o impeça de trabalhar, seja beneficiado pelo seguro.

Se a aposentadoria por invalidez fosse executada rigorosamente para beneficiar apenas as pessoas que realmente não podem trabalhar, já seria oneroso demais para o governo. Mas ainda temos de contabilizar as falcatruas. Milhares de pessoas são aposentadas por invalidez tendo condições de trabalhar normalmente. Acontece que estas falsificam laudos médicos e subornam funcionários para conseguirem o benefício. E, quando vão fazer as entrevistas, interpretam sua falsa situação melhor do que atores profissionais. Recentemente, fizeram uma malha fina para diminuir as fraudes, acabando com a mamata de muitos pensionistas, obrigando-os a voltar a trabalhar. Com isso, podem procurar emprego em outros ramos, como ator de teatro.

## Regulamentação sanitária

A regulamentação sanitária no Brasil é feita pela Vigilância Sanitária, que é uma agência vinculada ao Ministério da Saúde que tem como objetivo proteger a saúde da população. É uma das instituições do governo que mais tem credibilidade junto à população, regulando e fiscalizando vários setores.

Porém, a regulamentação é tamanha que impacta diretamente na economia. Para se abrir uma simples farmácia de dispensação, por exemplo, as exigências são tão grandes que muitas vezes fazem o empresário desistir da ideia, sendo que, neste segmento, os medicamentos já vêm prontos das distribuidoras, não sendo necessário manipular os produtos.

Já nos Estados Unidos, a responsável pela regulamentação na área da saúde é a FDA (Food and Drug Administration). Por parte dos americanos, ela deve existir para promover a saúde no país. O problema é que, ao longo dos anos, a regulamentação aumentou exponencialmente, impedindo muitas pesquisas em diversos setores, visto que o custo operacional para se alinhar à FDA é pesado, desestimulando os investimentos em massa.

Um dos argumentos utilizados pela FDA para explicar o endurecimento da regulamentação é que, em meados dos anos 50, um laboratório da Alemanha lançou no mercado o medicamento talidomida, tendo uso terapêutico como sedativo e hipnótico. O problema é que seu uso por mulheres grávidas gerou inúmeros casos de malformações congênitas em bebês. Foi uma tragédia.

Após o caso da talidomida, a FDA aumentou as exigências para se poderem lançar novos medicamentos no mercado. Hoje,

um laboratório que queira comercializar certa droga terapêutica custar-se-á com um custo 50 vezes maior do que teria antigamente, além de despende um tempo quatro vezes superior (em função dos testes e pesquisas de validação).

De fato, os consumidores enxergam a regulamentação como sendo indispensável para garantir a saúde.

Quando um medicamento é lançado no mercado, é possível verificar se ele prejudica ou não a saúde dos pacientes, mas é impossível mensurar quantas novas drogas estariam ao alcance no balcão da farmácia se não existisse regulamentação. E, com isso, milhões de pessoas morrem mundo afora todos os anos por ainda não se encontrarem disponíveis os medicamentos que salvariam suas vidas.

O mais sensato seria usar o jurídico como apoio, punindo os fabricantes de medicamentos que prejudicarem a saúde dos pacientes. Mesmo sem regulamentação, uma indústria com nome no mercado faria de tudo para não prejudicar a saúde de seus usuários ao fornecer-lhes um novo medicamento. Neste escopo, se uma indústria agisse com negligência, imperícia e/ou imprudência, deveria ser duramente punida, ciente de que tais punições fatalmente a levariam à falência.

# Legislação x liberdade



Se o caro leitor não é casado e gostaria de saber como será sua vida após o casamento, recomendo ir até o Jardim Botânico, para melhor eu poder explicar a sua dúvida.

E, se o caro leitor sonha em abrir um negócio próprio, por ter uma boa ideia, e acredita que sua empresa irá satisfazer milhares de clientes, mas não sabe como será abrir esta empresa, recomento ir até o Jardim Botânico, para melhor eu poder explicar a sua dúvida.

O efeito direto desta explicação será desestimular sonhos individuais. É o que acontece no Brasil quando se quer abrir uma empresa, pois o Estado impõe uma infinidade de barreiras.

Lembrando que a criação de novas empresas só irá gerar benefícios para o país.

Primeiramente, o empresário deverá contratar pessoas para sua firma poder funcionar, gerando renda para as famílias, assim como diminuindo o número de desempregados no país. E também precisará inovar, necessitando oferecer serviços e produtos mais baixos e com melhor qualidade para seus clientes, a fim de se manter no mercado.

Tantas barreiras faz com que o Brasil navegue contra a maré da prosperidade, não conseguindo, assim, abandonar o vergonhoso estereótipo de ser considerado, ainda, país de terceiro mundo.

Recentemente, determinados estabelecimentos comerciais tiveram que, por força da lei, construir uma área para jardim no lugar de vagas destinadas aos veículos dos clientes. Por quê? Porque o Estado quis. E o que fazer? Seguir suas normas para evitar multas ou problemas maiores.

Estacionamentos são importantíssimos para as empresas. Sem as vagas de carros, os clientes não vêm, pois não têm onde estacionar, logo o faturamento da empresa irá despencar, reduzindo dessa maneira a contratação de novos funcionários, ou até mesmo demitindo pessoas. Em alguns casos, em que o estacionamento era vital para a empresa, o empresário foi obrigado a fechar as portas. Então, para o Estado, é mais importante termos uma cidade bonita e agradável, com jardins embelezando a cidade, do que uma cidade rica e mais próspera.

Poderia aqui lembrar inúmeras leis que afetam diretamente na liberdade das pessoas, porém não vou fazê-lo devido ao livro ficar muito extenso. Um último exemplo, que explanarei neste capítulo, é a questão do zoneamento de uma cidade. Muitas

pessoas trabalham a vida inteira para conseguirem comprar um imóvel e, quando pensam que finalmente conseguiram realizar o sonho da sua vida, como a compra de um terreno, não podem usufruir conforme sua vontade.

Precisam seguir inúmeras normas para poderem construir em seus próprios bens. Nas cidades existem áreas de zoneamento, indicando que em cada zona predeterminadas só poderão ser construídos determinados tipos de imóveis. Por exemplo, num zoneamento do tipo Zr 2, o proprietário só poderá construir imóveis de até dois pavimentos. Por quê? Porque o Estado quis. E o que fazer? Seguir suas normas para evitar multas ou problemas maiores.

Em alguns casos, a própria geologia e a presença de mananciais restringem a construção dos imóveis. Mas, em outros casos, é o próprio Estado que determina as regras. Pessoas que compraram imóveis em Zr 2, mesmo a geografia sendo propícia, não poderão construir um pequeno prédio para alojar sua família. Tendo, assim, que construir um imóvel com no máximo dois andares e ainda seguir normas como respeitar o recuo mínimo.

Quanto mais o Estado aumenta a legislação com o objetivo de proteger a cidade, menor é a liberdade de seus próprios cidadãos.

## Conselhos profissionais

Na Baixa Idade Média, começava o protótipo do capitalismo atual. Pessoas produziam coisas para serem trocadas nas cidades. Porém, este capitalismo era arcaico e seletivo, não possibilitando o livre comércio para todos. Se algum cidadão comum quisesse produzir chapéu para vender na cidade, não era permitido. Existiam corporações de ofício ou guildas, que eram associações que regulamentavam as profissões e o processo produtivo das urbes.

Um dos principais clássicos da humanidade foi escrito neste contexto. Shakespeare escreveu o romance *Romeu e Julieta* relatando o que ocorria no cotidiano daquela época. Os pais dos protagonistas pertenciam a famílias diferentes, que disputavam o controle das corporações de ofício, ficando explícito no romance a grande rivalidade entre elas.

Os conselhos regionais e federais da atualidade têm como principal objetivo regulamentar e fiscalizar as profissões atuais. Existindo inúmeras, em diversos segmentos. Protegendo, dessa maneira, a classe profissional.

O problema deste protecionismo é que ele onera o consumidor, que precisará procurar profissionais que são habilitados por lei, pois existe uma forte legislação protegendo os provedores de serviços ou produtos, sendo que, em muitos casos, profissionais de outras áreas, ou sem diploma superior, poderiam tranquilamente executar algumas das tarefas.

Não raro, os estudantes, no momento de escolherem suas profissões, optam por cursos que lhe darão status e bons salários.

À medida que aumenta o número de faculdades, aumenta o número de profissionais no mercado. A maioria das profissões estão saturadas e, devido à alta concorrência, faz com que os salários tendam a diminuir.

O curso que ainda consegue manter status e bons salários é o de medicina. Entre todos os vestibulares, é este o curso mais concorrido. Muitos podem achar que os estudantes procuram o curso de medicina porque sonham em cuidar das pessoas e salvar vidas, mas essa escolha não é observada em países que os médicos não possuem status nem recebem os melhores salários.

A principal finalidade de um conselho não é proteger o consumidor, e sim a própria classe, restringindo áreas de atuação, de modo que apenas o profissional habilitado no referido conselho tenha o direito de atuar em determinada área. O que acaba limitando a concorrência, tornando os valores mais altos do que deveriam para serem pagos pelos consumidores. Caso a intenção do Conselho Regional de Medicina (CRM), por exemplo, fosse proteger exclusivamente o interesse dos pacientes, existiriam frequentes mutirões de profissionais ajudando a população, mas não é isso o que se observa.

Isto vale para muitas outras profissões, em que se obriga a presença de determinados profissionais. Suponhamos que um mestre de obras tenha décadas de experiência e precise da assinatura de um engenheiro para poder legalizar uma obra pequena, ou de um advogado para defender um processo simples; assim como todas as profissões que possuem conselho. Vai sobrar para o mestre de obras, o consumidor final, arcar com tamanho protecionismo.

## Interesses especiais

Assim como acontece com conselhos profissionais, muitas pessoas almejam privilégios por se considerarem diferentes das demais. Assim, muitos grupos acabam promovendo os interesses de sua própria classe em nome do “bem-estar geral”. Isso é mais comumente observado na classe política. Nas recentes votações no Congresso Nacional, com pauta na reforma da Previdência, muitos políticos votaram contra as mudanças, alegando proteger a aposentadoria do povo. Porém, defendendo o povo, defendem seus próprios privilégios de aposentadoria, que seriam mantidos, fazendo a “proteção” dos direitos do povo conveniente e propícia para eles mesmos.

A busca por direitos e privilégios nunca estará explícita por parte das classes interessadas, e sim mascaradas na forma do velho discurso de benefício ao público em geral. Como faz a indústria, pedindo para o governo aumentar os impostos de produtos fabricados no exterior, alegando que estarão protegendo os empregados, evitando que fiquem desempregados; assim fazendo seus empregados de escudo em detrimento de seus próprios interesses especiais.

As leis protecionistas feitas pelos homens sempre beneficiarão algum grupo e diretamente prejudicarão outros. Mas é da natureza humana protestar contra os interesses especiais de outras pessoas, exceto quando o interesse especial por acaso é o nosso.

Poucos são os que colocam os interesses nacionais acima dos interesses do seu grupo.

## Usain Bolt – 9,58 segundos

A melhor marca no atletismo na corrida de 100 metros ainda pertence a Usain Bolt. Já se passaram mais de dez anos, e sua marca de 9,58 segundos permanece intacta. E provavelmente fique assim por muitos anos. Se eu fosse Usain Bolt, não gostaria que algum competidor ultrapassasse o meu recorde mundial. Este mesmo sentimento de garantir a hegemonia acontece na economia.

Muitos ricos só conseguiram conquistar grandes fortunas e ter o status que têm hoje graças ao capitalismo. A economia de mercado ajudou o mundo a prosperar, fazendo com que pessoas visionárias conseguissem enriquecer a partir da satisfação de seus clientes. Agora que estão em uma posição privilegiada, com seus bilhões de dólares, alguns tentam barrar a livre economia de mercado, para diminuir a concorrência e garantir a hegemonia. É como se Usain Bolt conseguisse colocar diversas regras e barreiras no atletismo para que seu recorde mundial nunca fosse retirado.

Alguns bilionários patrocinam pesadamente a promoção de doutrinas e ideologias anticapitalistas se alinhando a políticas de perfil comunista e injetando recursos em instituições e grupos que irão difundir tais ideais. Muitas vezes isso passa despercebido pelos cidadãos em geral, pois essas medidas anticapitalistas não são explícitas, apresentando-se silenciosas e nefastas.

Uma de suas estratégias é usar o meio ambiente como escudo. Ao tentarem “protegê-lo”, pressionam países emergentes a frear

o desenvolvimento e, com isto, impedem o enriquecimento destes países. Outras medidas de alguns bilionários é promover e patrocinar instituições de esquerda no mundo inteiro, tentando, dessa maneira, persuadir o capitalismo como o suposto mal da humanidade, sendo que ficaram endinheirados devido à sua existência.

## SOCIALISMO/COLETIVISMO

Muitas pessoas acreditam que uma comunidade deve priorizar seus objetivos em detrimento dos ideais individuais. Neste contexto, tudo deverá ser feito para beneficiar o coletivo, e só em segundo plano é que vêm os valores e interesses individuais.

Parece ser uma boa ferramenta para a harmonia de uma sociedade. O problema desse sistema é que a individualidade e liberdade das pessoas acabam ficando em segundo plano.

“Está aí a raiz do mais trágico erro de perspectiva moral em que a humanidade caiu ao longo de toda a sua história: a convicção de que é a sociedade, e não os indivíduos concretos, o verdadeiro sujeito da responsabilidade moral — pressuposto que está na base de toda atual ideologia ‘politicamente correta’.”<sup>6</sup>

---

6. Olavo de Carvalho. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*.

## Karl Marx (1818–1883)

Desde a sua morte há mais de cem anos, os ideais de Karl Marx ainda continuam presentes. Por causa de sua existência, o século XIX foi marcado por inúmeras mudanças e revoluções, que ficaram cravadas na história da humanidade.

A principal ideia de Karl Marx era que o lucro obtido pelas empresas devia ser distribuído entre o proletariado, e os trabalhadores deveriam receber seus salários de acordo com o tempo de trabalho. Suas doutrinas fizeram empregados e empregadores se tornarem rivais, ao invés de unirem forças, para uma prosperidade de todos.

Nas ideias de Marx, o proletariado era sempre explorado pelo patrão, e os empregados acreditaram ele, de modo que ficaram indignados por estarem sendo explorados e mal pagos. Na utopia de suas ideias, o pensamento marxista parecia criar uma sociedade mais justa, porém na prática foi um desastre.

Vejamos o abismo entre as ideologias e a projeção do que realmente poderia acontecer. Por defender que o lucro da empresa deveria ser distribuído entre todos os seus funcionários, a economia simplesmente iria estagnar. Primeiro que ninguém iria assumir riscos para abrir uma empresa que não lhe daria lucros. E, para as empresas em andamento, não sobraria capital para o empresário investir em melhorias de produção da própria empresa, como a expansão dos negócios. Assim, não haveria mais contratações de funcionários, empobrecendo a economia geral.

Outra ideia marxista seria o empregado ganhar por hora. Isso resultaria inicialmente em dois problemas. O primeiro seria desestimular a produtividade dos trabalhadores, pois a preguiça e a negligência passariam a ser compensadoras. Efeito evidenciado na diferença quando um trabalhador ganha por dia ou por empreita. Se o trabalhador estiver ganhando por empreita, tentará produzir o máximo possível para maximizar seus ganhos, enquanto o que ganha por dia sempre tentará trabalhar menos sem que ninguém perceba.

O segundo problema de pessoas ganharem o mesmo valor por hora seria a falta de pretensões na qualificação individual. Todas as profissões são importantes e delas saem o sustento das famílias, porém, sem desprezar nenhuma delas, temos que ser realistas e compreender que cada uma possui o seu valor intrínseco. Para um médico-cirurgião neurologista poder exercer sua atividade, foram necessários anos de esforços destinados aos estudos. Se formos somar desde a educação fundamental, foram mais de vinte anos para poder operar alguém. E em outro exemplo, temos a profissão de ascensorista de elevador, cuja tarefa praticamente qualquer pessoa consegue realizar.

Nestas duas profissões, a meritocracia seria anulada pelos salários iguais. A preguiça e a falta de empreendedorismo surgem quando o trabalho árduo e a tomada de riscos não são compensados, fazendo com que o país não produza riquezas, deixando a prosperidade cada vez mais longe.

Faz parte da natureza humana que o indivíduo se esforce apenas se for compensador para ele. Em um mundo de rendas igualitárias, você daria duro?

# Ideologia socialista

A ascensão de um grupo até o poder só é possível em uma sociedade se este tiver o apoio das massas. A maioria deverá acreditar em seus ideais, para assim dar-lhe apoio para poder governar.

Quanto menos conhecimento tiver um povo, mais fácil será o convencimento e aceitação de certas pregações por parte das pessoas. É mais fácil para um técnico de geladeira mal-intencionado convencer uma pessoa leiga que precisará fazer vários consertos desnecessários em seu eletrodoméstico do que convencer um engenheiro eletricista.

As pessoas no geral, não têm costume de adquirir conhecimento espontaneamente, preferem absorver conteúdos por meio da mídia e redes sociais. Porém, estes conhecimentos serão muito superficiais, quando ainda verdadeiros. O nome de nossa espécie, *homo sapiens*, que significa “homem sábio” ou “homem que sabe”, deixa muito a desejar, evidenciado por pessoas que fogem do conhecimento, achando não precisarem aprender mais do que já se sabem.

Nesta fragilidade da sociedade, a ideologia socialista se encaixa como uma luva, fazendo a maioria dos indivíduos mudar suas crenças, nas bases de um futuro utópico. Ideólogos desta doutrina aspiram para que a sociedade fique fragmentada, usando a famosa luta de classes, provocando rivalidade entre os grupos, como: ricos x pobres, brancos x negros, homossexuais x heterossexuais, ateus x cristãos etc. Assim, é propício que em algum aspecto alguém seja minoria, momento que o socialismo promete

a salvação em favor das minorias. Mas, se formos somar todas as minorias, teremos a grande maioria nas mãos.

A estratégia do socialismo é usar uma causa para encobrir as ambições de líderes ávidos de poder, fazendo com que a ambição de alguns seja justificada em defesa das minorias, utilizando palavras pomposas para enaltecer a defesa, como: liberdade, esperança, justiça e direitos humanos.

Quando ideais são legitimados em nome de belos pretextos humanitários, o socialismo fortalece um grupo político ou programa ideológico, deixando de ser julgado bom ou mau por seus atos — o que o torna imune, independente dos seus atos, pois é o detentor universal das boas intenções.

Os pensamentos de Maquiavel têm sido bastante úteis para líderes socialistas. Sua frase memorável foi “os fins justificam os meios”, significando que qualquer ato que seja feito no presente é justificado pelo objetivo final. Não importa se estes atos possam prejudicar milhões de pessoas, a ideia é fazer de tudo (tudo mesmo) para alcançar o sonho almejado.

Pessoas creem no socialismo por acharem que vão melhorar suas condições de vida. Afinal este sistema lhes promete uma vida de abundância, nunca dizendo que prejudicará o bem-estar de outras pessoas. O perigo desta utopia é que seus líderes ignoram a diferença entre fantasia e realidade.

Os números não mentem. Em qualquer pesquisa que o leitor fizer, encontrará números que descrevem a destruição que o socialismo já causou no mundo. Matou mais de cem milhões de pessoas, espalhando terror, miséria e fome. Todos os terremotos, furacões, epidemias, tiranias e guerras dos últimos quatro séculos, somados, não produzem números tão devastadores. Resultados

sempre escondidos a sete chaves por ideologias socialistas. Porém, a verdade triunfará.

Leiamos mais uma fábula de Esopo, chamada “O cavalo e o palafrenero”:

“Havia um palafrenero que roubava e levava a vender a cevada de seu cavalo; porém, em troca, passava o dia inteiro limpando-o e escovando-o para que brilhasse. Um dia, o cavalo lhe disse:

— Se realmente queres que eu fique formoso, não roubes a cevada que é para meu alimento.

Moral da história: Tem cuidado com quem muito te adula, pois quer algo em troca.”

## Qual seria mais produtivo: coletivismo ou individualismo?

Um professor de economia da Universidade Texas Tech disse que ele nunca reprovou um só aluno antes, mas tinha, uma vez, reprovado uma classe inteira. Esta classe em particular tinha insistido que o socialismo realmente funcionava: ninguém seria pobre e ninguém seria rico, tudo seria igualitário e “justo”. O professor então disse: “Ok, vamos fazer um experimento socialista nesta classe. Ao invés de dinheiro, usaremos suas notas nas provas”.

Todas as notas seriam concedidas com base na média da classe, e, portanto, seriam “justas”. Isso quis dizer que todos receberiam as mesmas notas. Depois que a média das primeiras provas foram tiradas, todos receberam “B”. Quem estudou com dedicação ficou indignado, mas os alunos que não se esforçaram ficaram muito felizes com o resultado.

Quando a segunda prova foi aplicada, os preguiçosos estudaram ainda menos, eles esperavam tirar notas boas de qualquer forma. Aqueles que tinham estudado bastante no início resolveram que eles também se aproveitariam do trem da alegria das notas. Portanto, agindo contra suas tendências, eles copiaram os hábitos dos preguiçosos. Como resultado, a segunda média das provas foi “D”. Ninguém gostou.

Depois da terceira prova, a média geral foi um “F”. As notas não voltaram a patamares mais altos, mas as desavenças entre os alunos, buscas por culpados e palavões passaram a fazer parte

da atmosfera das aulas daquela classe. A busca por “justiça” dos alunos tinha sido a principal causa das reclamações, das inimizades e do senso de injustiça que passaram a fazer parte daquela turma. No final das contas, ninguém mais queria estudar para beneficiar o resto da sala. Portanto, todos os alunos repetiram o ano... Para sua total surpresa.

O professor explicou que o experimento socialista tinha falhado porque ele foi baseado no menor esforço possível da parte de seus participantes. Preguiça e mágoas foram seu resultado. Sempre haveria fracasso na situação a partir da qual o experimento tinha começado. “Quando a recompensa é grande”, ele disse, “o esforço pelo sucesso é grande, pelo menos para alguns de nós. Mas quando o governo elimina todas as recompensas ao tirar coisas dos outros sem seu consentimento para dar a outros que não batalharam por elas, então o fracasso é inevitável.”

É impossível levar o pobre à prosperidade através de legislações que punem os ricos pela prosperidade. Cada pessoa que recebe sem trabalhar, outra pessoa deve trabalhar sem receber. O governo não pode dar para alguém aquilo que não tira de outro alguém. Quando metade da população entende a ideia de que não precisa trabalhar, pois a outra metade da população irá sustentá-la, e quando esta outra metade entende que não vale mais a pena trabalhar para sustentar a primeira metade, então chegamos ao começo do fim de uma nação. É impossível multiplicar riqueza dividindo-a.<sup>7</sup>

# Insegurança

As pessoas são inevitavelmente inseguras, mesmo as mais prepotentes que se mostram poderosas, vestindo uma máscara invisível para não parecer. O ser humano tenta se amparar em pilares seguros. E, para isto, desde tempos remotos, utilizam como apoio a mitologia, as religiões e as crenças.

Desde 1938, está sendo feita, pela Universidade de Harvard, uma pesquisa que tem como base observar quais são as causas que trazem bem-estar às pessoas. A grande maioria, ao começar a pesquisa, se referiu ao dinheiro e fama como sendo os principais pilares da felicidade. Mas, no decorrer da pesquisa, pesquisadores descobriram que o que traz mais felicidade e saúde para as pessoas são os relacionamentos saudáveis. É fácil observarmos muitas pessoas vivendo em comunidade e milhares delas ainda se sentindo sozinhas, mesmo aquelas casadas e com famílias.

Os relacionamentos próximos e saudáveis tornam os indivíduos mais seguros, fazendo com que suas dificuldades sejam amparadas por pessoas de confiança. Nesta pesquisa, foi comprovado que as pessoas são mais felizes por possuírem alguém de confiança, por terem sempre com quem contar nos momentos difíceis. Sendo que pessoas solitárias, que não podem contar com ninguém, são mais infelizes e vivem por menos tempo.

Conhecendo melhor a natureza humana, temos de afirmar que a insegurança faz parte do nosso DNA. Está intrinsicamente

ligada à nossa espécie. Provavelmente tenha nos precavido no passado, de evitarmos desafios perigosos, e assim não perecendo.

Nesta busca por segurança, o Estado entra como uma luva na sociedade. Como o leviatã retratado por Thomas Hobbes<sup>8</sup>, o salvador e protetor da humanidade, que ocupa as lacunas que a insegurança faz presente no homem, e qualquer um que venha a falar mal do Estado, tentando diminuí-lo e criticá-lo, será atacado severamente pelos que o personificam como um porto seguro.

## O mercado no socialismo

O socialismo é um modelo econômico de transição do capitalismo para o comunismo. Ainda existe a propriedade privada no socialismo, porém o Estado centraliza em suas mãos a economia do país, restringindo e permitindo o que lhe convém. Nestas circunstâncias, o mercado é livre na medida em que fizer o que o governo deseje, proibindo o que considere “errado”.

No socialismo, o Estado tem a tendência de criar novas estatais. Porém, a administração das suas atividades econômicas é tão ineficiente que acarreta mais prejuízos do que lucros. Mesmo o Estado proibindo a concorrência, você já viu alguma estatal falir? Não, porque o governo tira recursos de outras áreas para injetar na estatal deficitária, transferindo a conta para o cidadão na forma de impostos mais altos — prejuízo em dobro.

Os empresários não são tão negligentes como o governo, que pagam salários a legiões de burocratas ociosos e corruptos. Se o empresário fizer uma má administração de sua própria empresa, será obrigado a fechar as portas, pois não terá ajuda extra.

Não se pode achar algum exemplo de atividade que é conduzida por modo mais econômico pelo governo do que por uma empresa privada. Se não bastasse apenas isso, o Estado proíbe concorrência com ele próprio. Atitude que não se justifica, já que o Estado é tão eficiente.

Todos sabem da realidade do transporte público, o qual se resume a um alto valor cobrado e serviço de baixa qualidade. Situação que nos persegue há décadas neste país.

A empresa Ferrari é conhecida por fabricar carros dos sonhos, mesmo para os que não são apaixonados por carros. Se ela construísse uma frota de ônibus com a mesma qualidade que fabrica seus carros, e quisesse entrar no mercado de transporte público, concorrendo com as linhas tradicionais, seria barrada pelo Estado. Mesmo se cobrasse a metade do valor e desse muito mais conforto para seus passageiros. Parece mentira, mas é a triste realidade de nosso “livre mercado”.

# Monopólio

Qualquer desvio da livre economia requer uma conduta autoritária por parte do governo. O monopólio só pode existir se contar com a ajuda do Estado; em uma economia livre, seria derrubado naturalmente em pouco tempo.

O monopólio é um exemplo clássico da prepotência que o Estado nos impõe, com argumentos sem embasamento para realizar seus feitos. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos — ou simplesmente Correios — é um exemplo de monopólio. Trata-se de uma estatal (empresa do próprio governo), que proíbe a entrada de livre concorrência no segmento, ou seja, não se pode abrir uma empresa para concorrer com os Correios. Sendo esta configuração amparada pela nossa legislação, ou seja, é considerado crime se alguém tentar concorrer com a estatal.

Se o Estado é um excelente gestor administrativo de suas empresas, por que estaria com receio de abrir o mercado para livre concorrência? Será que talvez outras empresas fariam o serviço com uma melhor qualidade, cobrando menos por isto?

O resultado esperado de estatais comandadas totalmente pelo governo é sempre o mesmo: serviços de péssima qualidade, preços altos e clientes insatisfeitos. Os clientes só utilizam os serviços por terem duas opções: usar o péssimo serviço ou não usar. Como os serviços que os Correios executam são essenciais para a população, obrigam-nos a utilizá-los.

Se uma empresa não tem concorrente, presumimos que o lucro será extraordinário. Infelizmente não é isto o que acontece com nossas estatais, pois muitas delas estão, ao invés de auferindo lucros, amargando grandes prejuízos. É como se um corredor estivesse competindo sozinho um campeonato e chegasse em segundo lugar.

Uma empresa privada, se estiver dando prejuízo, deverá fazer uma reestruturação completa para reverter o quadro, ou terá que fechar as portas. Já uma empresa do governo nunca irá falir, mesmo afundada em dívidas. O Estado, para conter o rombo, trará recursos de outras áreas que já estão deficitárias, como: saúde, educação e segurança pública. Sobrando para o contribuinte de impostos pagar a conta.

# Cartel

O cartel é um acordo ilícito entre empresas que tentam eliminar concorrentes por diversos meios e aumentar os preços dos produtos, obtendo assim maiores lucros, resultando em prejuízo para o consumidor.

Se o cartel estivesse sendo operado em uma verdadeira economia livre de mercado, seria diferente. Outros empresários rapidamente achariam lucrativo o nicho do ramo e, assim, abririam empresas no mesmo segmento, com melhores serviços e menores preços, angariando os clientes explorados.

No Brasil, o Estado impõe inúmeras barreiras para abertura de novas empresas, muitas vezes ainda em complô com empresários antigos. Isso favorece o cartel, por deixar apenas um número restrito de empresas em determinado setor.

Determinados tipos de serviço prestados por empresas sempre nos soam como exploradores. Um destes segmentos é o ramo funerário. É normal escutarmos reclamações dos valores abusivos cobrados por estas empresas. É claro que o dono da funerária precisa ter lucros, mas neste segmento o fator livre mercado não consegue adentrar em sua essência plena.

Em muitas cidades, não é fácil abrir uma funerária — em alguns casos será apenas possível se tiver algum padrinho no governo. Os donos das funerárias locais irão fazer de tudo para evitar novas concorrências, mesmo tendo de fazer alguns atos ilegais. Sobrando assim menos empresas para concorrer no setor, de maneira que poderão cobrar os valores que melhor lhes satisfaçam.

O resultado são consumidores pagando quantias bem maiores pelo serviço comparado aos hipotéticos valores se houvesse uma concorrência acirrada entre as empresas.

Outro segmento que deixa as pessoas indignadas e insatisfeitas são os serviços prestados pelos cartórios no país inteiro. As taxas cobradas são exploratórias, no entanto não sobra opção para os consumidores, que são obrigados a pagar pelos serviços. Não é permitido por lei abrir um cartório como se fosse uma empresa comum, sendo apenas possível este privilégio para os “escolhidos”.

Os preços cobrados pelos cartórios não são tabelados, porém, como há pouquíssimos cartórios em proporção aos habitantes, faz com que exista apenas uma sutil concorrência entre eles. Obrigando-nos a pagar um valor exorbitante por uma simples fotocópia carimbada. Muitas vezes, pessoas pagam caro por um imóvel, não lhes sobrando dinheiro para pagar os custos do cartório. Não conheço nenhum cartório no Brasil que declarou falência.

Mais uma vez, o Estado protegendo os privilegiados, fazendo o povo pagar a conta para manter o bem-estar da minoria.

# Crises e bolhas financeiras

Nas mãos da política do país, existe um livre-arbítrio para interferir na economia. Podendo, assim, criar mais moeda e abaixar os juros de uma forma artificial, fora da realidade.

Com isto, empresários ficam confusos ao agirem frente à situação do mercado atual, estando sujeitos a ter de tomar medidas que não tomariam se o Estado não tivesse interferido na economia.

Havendo mais dinheiro em circulação, empresários pensam que a população está com mais dinheiro para gastar e que a economia está em ascensão. Com isso, farão mais investimentos em suas empresas, como contratação de funcionários e ampliação dos negócios, possivelmente pegando dinheiro emprestado de bancos para isto, acreditando que o empréstimo será compensado pelos lucros que obterão.

A intervenção feita pelo governo na economia em um médio prazo tenderá a voltar para sua forma original, de modo que o dinheiro que o governo criou do nada será neutralizado pela inflação, e os juros irão voltar para sua porcentagem inicial. Este efeito diminuirá o poder de compra da população, reduzindo os produtos e serviços vendidos pelas empresas.

E os empresários, além de estarem devendo para os bancos, não conseguirão pagar suas contas devido a uma redução das receitas e aumento dos juros bancários (que a essa altura já terão voltado ao normal). Gerando assim uma crise, que seria um efeito cascata, em que o empresário demite funcionários e fica no

vermelho. Agora desempregadas, as pessoas não têm mais renda e possuem dívidas, como, por exemplo, o cartão de crédito (que aumentou o limite devido à “ascensão econômica”). Logo, ocorre um colapso de todo o setor econômico.

Muitos acreditam que a crise de 1929 deflagrada nos Estados Unidos, e que afetou o mundo inteiro, deveu-se ao colapso do capitalismo. Será?

Empresários não são idiotas nem burros. Conseguir se manter no mercado apesar da alta concorrência é um fator indicativo de suas capacidades empreendedoras envolvendo planejamento e inteligência. E será que, em um determinado ano, um número altíssimo de empresários e investidores quebrou só por causa do capitalismo?

É óbvio que não. No capitalismo de “pura essência” não existe interferência do governo, como criar moeda e adulterar taxas de juros e créditos. Se o Estado intervém na economia, ela pode gerar uma bolha especulativa, que nada mais é do que modificar a realidade dos investimentos de uma forma artificial, tomando tamanho e aumentando investimentos das pessoas, por acreditarem ser viável e lucrativo. Até uma hora estourar, por não se tratar de algo sólido e real, colapsando o sistema, que teve como culpada a intervenção econômica.

Em um sistema econômico, mesmo possuindo um governo intervencionista ou não, sempre existirão crises. Faz parte das circunstâncias, porém em graus diferentes.

Imaginemos, então, um lugar em que não existe interferência do governo na economia e onde surgiu uma nova febre do momento, que são as deliciosas paletas mexicanas. Existirá um certo número de pessoas que se arriscarão neste meio de negócios

desconhecidos. Vendo que a situação está favorável, outras pessoas tentarão entrar neste nicho, para lucrarem também.

Neste sistema econômico, não existirá criação de moeda pelo Estado, nem abaixamento artificial dos juros, e com isto novos empreendedores pensarão melhor em se arriscar no novo negócio. Este novo nicho atrairá mais empreendedores do que deveria, por muitos acharem que será um negócio lucrativo. Até então haver mais lojas de paletas mexicanas do que o mercado pode suportar, havendo, assim, uma crise que ocasionará o fechamento de estabelecimentos e demissão de empregados. Mas de uma forma mais branda do que se tivesse tido interferência do Estado.

# Descentralização

Empresas estão cada vez mais usando parcerias com outras empresas. É chamado de terceirização este acordo firmado entre empresas diferentes. A empresa que contrata o serviço tem como intuito transferir algumas de suas ocupações, proporcionando maior tempo e recursos em suas principais atividades.

Mesmo em empresas de pequeno porte existem inúmeras tarefas que precisam ser feitas para operar normalmente. Em um pequeno mercado de bairro, o dono tem de se preocupar com tudo, como: recursos humanos (contratação, treinamento, pagamento, rescisão de contrato dos funcionários...), contabilidade (impostos a pagar, receitas, despesas), administrativo, fornecedores, sistema de entregas, limpeza, logística... Ou seja, é muita coisa que o empresário precisa se ocupar.

Uma empresa terceirizada só se ocupa com uma das atividades. Se for uma terceirizada no ramo de entrega, só terá esta atividade como prioridade. Fazendo assim um melhor serviço do que o dono do mercado saturado com inúmeras atividades. Além de a empresa que contrata o serviço reduzir a estrutura operacional, diminuirá os custos, economizando recursos para uma melhor administração.

Se para um mercado pequeno é difícil realizar todas as atividades sozinhas, imagine então administrar um país inteiro. O Brasil tem um perfil centralizador de recursos, tendo suas receitas destinadas para a capital, para depois serem redistribuídas. Pelas características políticas históricas do nosso país, é como se

ele não quisesse terceirizar atividades. Não permitindo, em sua doutrina, descentralizar o poder, para assim ser usado de uma maneira mais eficiente.

O resultado é uma administração caótica, que não envia recursos para onde estes realmente deveriam ir.

# Comunismo

Os ideais de Marx foram usados como alicerces para a implementação do comunismo por pessoas que almejavam subir ao poder, independentemente do que fosse preciso fazer. Em meio a uma crise econômica e ainda durante a Primeira Guerra Mundial, conseguiram apoio da classe dos proletariados, prometendo, para isso, melhorias a todos. Em 1917, iniciou-se, então, a Revolução Russa, agora com os bolcheviques no poder, liderados por Lenin e seus camaradas.

Tinham como objetivo substituir o sistema capitalista pelo comunismo. Ou seja, a propriedade privada e os meios de produção agora pertenciam, em sua totalidade, ao governo. Tudo nesse sistema é centralizado, partindo de um governo central todas as ordens.

Semanticamente, a palavra comunismo significa “comum a todos”, em que todos deveriam usufruir dos mesmos direitos e deveres. Mas isto é uma pura utopia. É impossível distribuir a todos, igualitariamente, as receitas, ainda mais em um país gigante como a Rússia. Se o seu líder mandasse construir apartamentos para todos os seus cidadãos a fim de tentar manter a igualdade, mesmo assim nunca conseguiria deixar a divisão perfeita.

O morador da cobertura do apartamento face sul (para eles é invertido) teria uma vista melhor, assim como receberia mais sol. Já o primeiro andar do apartamento face norte sairia em desvantagem, pois não teria uma boa vista, e também teria os problemas de ter o apartamento todo mofado, por não pegar sol.

Mesmo se o líder comunista quisesse, nunca conseguiria igualar a condição de vida das pessoas. Seria impossível igualizar tudo.

Os precursores do comunismo prometem para a população paz eterna e uma vida de abundância a partir do dia de sua vitória final. O problema é que as promessas nunca serão concretizadas. A sociedade ficaria dividida em duas classes: os peões e os amigos do líder. O que antes era para ser comum a todos parece agora ficar distorcido de seus ideais iniciais. George Orwell faz uma excelente comparação em seu livro “Revolução dos Bichos” quando assevera: “Os animais são todos iguais, mas uns são mais iguais do que outros”. Elucidando, em sua obra, como é minimizada pelos líderes comunistas a diferença entre direitos e deveres, nas novas classes da Revolução.

Quem consegue fazer do seu próprio hobby um meio de sustento pode ser considerada, nos dias atuais, uma pessoa muito feliz e sortuda. O comunismo promete aos cidadãos fazer com que todos trabalhem com prazer, como se seu hobby fosse o próprio trabalho. Essa promessa seria perfeita para mim se eu estivesse inserido no comunismo — o meu hobby é descansar em casa.

É impossível fazer uma logística perfeita, ainda mais com milhões de trabalhadores, tentando adequar os prazeres de todos no trabalho. Não se pode compelir ninguém a dar o melhor de si sem coerção, mas o comunismo ainda usa esta narrativa para ludibriar o povo, e tenta esconder o que fez com milhões de trabalhadores que moravam em Gulags (campos de concentração destinados a quem era contra o regime) e eram obrigados a realizar trabalhos forçados, feito escravos do Estado.

Na utopia do comunismo em socializar a propriedade privada, temos a falsa impressão de que alguma coisa é de todo

mundo, porém ela não é de ninguém e ninguém tem interesse direto em manter e melhorar as condições de tal coisa. Na esquina aqui da minha casa, tem uma praça pública que está abandonada e com a grama alta. Convido o caro leitor, se tiver afinidade com o comunismo, a ir até lá para cuidar do que é nosso. Não esqueça de levar cortador de grama e ferramentas. Vá indo na frente, eu já chego lá...

## No socialismo tudo é mal distribuído

Quer excedentes a curto prazo? Faça o governo exigir um preço mínimo que esteja acima do que a maioria dos consumidores estaria disposta a pagar. Num primeiro momento, itens ficarão sobrando na economia. Mas, depois, desestimulará as pessoas a produzirem estes itens, pois não será viável produzir novamente, devido aos prejuízos obtidos por falta de consumidores.

Quer escassez a longo prazo? Faça o governo exigir um preço máximo que esteja abaixo do que as pessoas estariam dispostas a pagar. Muitos governos exigiam de proprietários de imóveis a obrigação de diminuir os valores dos aluguéis cobrados. Isto fez com que, em longo prazo, tivessem problemas com a escassez de moradia.

Neste caso, pessoas não irão mais investir em habitação, deixando de construir casas e prédios para investimento, pois terão medo de o Estado obrigá-las a diminuir demais os preços que cobriam nos aluguéis.

Quando o Estado interfere nos preços a serem cobrados, faz com que a “mão invisível” retratada por Adam Smith, não consiga trabalhar naturalmente. Gerando assim escassez de itens para a população.

## Por que, mesmo comunista, a URSS lançou o primeiro satélite espacial?

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tinha como característica econômica um poder centralizado. Isto significa que tudo o que se arrecadava do povo ia primeiro para um diretório central para depois ser redistribuído. O porém é que o governo distribuía esses recursos a seu bel-prazer, priorizando a autopropaganda que de inovações que seriam vistas pelo mundo — uma forma de glorificar seu próprio governo.

A Sputnik 1 foi lançada em 1957 pela União Soviética, sendo o primeiro satélite artificial lançado pelo homem. O mundo, então, maravilhado pela inovação tecnológica, contemplava o comunismo como uma vertente do sucesso.

O problema real do que ocorria na URSS era a distribuição distorcida de recursos. Enquanto possuía tecnologia para mandar um satélite para o espaço, seu povo estava passando fome, vivendo na penúria. Sem falar da falta de liberdade de seu povo. A única liberdade que as pessoas podiam ter era obedecer às normas que o governo impunha, sem reclamarem.

Ao contrário do que ocorria nos Estados Unidos, que além de terem tecnologia para mandar o homem à Lua, através da Apollo 11, proporcionava uma boa qualidade de vida ao seu povo, garantindo-lhe larga liberdade.

Façamos, então, uma comparação, como se os gastos de uma família fossem de um país. Possuindo quatro integrantes

(mãe, pai e 2 filhos), esta família tem uma renda total de R\$ 3 mil mensais. Eles gostariam de ir todos os anos para a Disney nas férias. Pela contabilidade, até daria para realizar este desejo, porém durante o ano teriam que se alimentar só de batata, não podendo gastar dinheiro nem mesmo com vestuário. O comunismo faz isso, uma redistribuição da riqueza muito desproporcional, que acarreta escassez e miséria.

## TRABALHADOR TAMBÉM É CONSUMIDOR

O trabalhador sempre almejará ganhar mais do que produz. Assim como o empregador, estará disposto apenas a pagar o valor que mantenha o seu funcionário na empresa. Esta disputa eterna é como uma balança, o interesse de um é o oposto do outro, até se chegar a um equilíbrio.

Neste capítulo, iremos elucidar que aumentos de salários por decreto atingem os próprios trabalhadores, que também são consumidores no mercado. Evidenciando, assim, os problemas ocorridos no sistema econômico por interferência do Estado na relação empregado/empregador.

# Leis trabalhistas

As leis trabalhistas que seguimos hoje têm como base a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), que é a principal norma legislativa brasileira referente ao direito do trabalho. Foi sancionada em 1943 pelo então presidente populista Getúlio Vargas.

As leis trabalhistas têm como principal intuito, pelo menos no papel, proteger o trabalhador. Mas, ao analisarmos seus efeitos em uma visão macroscópica, os resultados são desvantajosos para a prosperidade de um país, prejudicando os próprios trabalhadores.

Ao proteger excessivamente o trabalhador, inúmeras pessoas desistirão de abrir empresas, mesmo tendo ótimas ideias e capital para isso, pois ficarão receosas quanto à responsabilidade e custos de se contratar alguém. Optando, muitas vezes, em deixar seu dinheiro em investimentos bancários, fazendo diminuir consideravelmente o número de empresas que poderiam existir no mercado.

Menos empresas significa menos empregos para as pessoas. Logo, além de deixar milhões de pessoas desempregadas, este fenômeno faz com que diminua a renda nacional, empobrecendo um país como um todo.

É fácil compararmos se o protecionismo através das leis trabalhistas é benéfico ou prejudicial para as pessoas. Anualmente, milhares de brasileiros conseguem ou tentam ir trabalhar nos Estados Unidos, porém, lá, as leis trabalhistas são muito diferentes das daqui. Naquele país, não existem 13º salário, férias

remuneradas, licença-maternidade, fundo de garantia ou multa rescisória e, mesmo assim, os brasileiros sonham em trabalhar nos Estados Unidos.

Os americanos, ao contrário, não fogem do seu próprio país para conseguirem proteção trabalhista em países como o Brasil. Nunca vi um americano disputando vaga de emprego em empresa brasileira para desfrutar dos inúmeros direitos.

Nos Estados Unidos, como existe mais liberdade em empreender e menos protecionismo em suas leis trabalhistas, a tendência é aumentar a criação de empresas. Com isto, geram-se mais empregos, diminuindo o número de desempregados, elevando a renda nacional e enriquecendo o país. E é por isto que, na grande maioria das vezes, o mesmo trabalho que você faria aqui no Brasil, poderia fazer ganhando mais se estivesse nos Estados Unidos.

Se formos fazer uma rápida pesquisa na internet, observaremos esta mesma condição: países com pouca proteção trabalhista são mais prósperos e possuem uma renda *per capita* muito superior em relação aos países que protegem demais o trabalhador. Portanto, é evidente que regulamentação trabalhista demais prejudica a nação inteira.

## “Escravizando o trabalhador”

A revolução industrial conseguiu potencializar a essência do capitalismo. A Inglaterra foi o berço desta inovação, proporcionando uma melhoria na condição de vida das pessoas jamais imaginada. Hoje, um inglês pobre tem uma qualidade de vida melhor do que tinham antigos lordes.

A miséria acompanha o ser humano desde sua existência. É uma falácia dizer que donos de fábricas arrancaram donas de casa de seus lares ou as crianças dos seus brinquedos. Essas mulheres não tinham como alimentar seus filhos, e essas crianças estavam carentes e famintas. Seu único refúgio era a fábrica.

O trabalho exploratório só pode ser utilizado quando não existe um mercado livre. Se o Estado protege o sistema de competição entre empresas, restringindo a criação de novas fábricas, não sobrá lugar em que o trabalhador possa procurar um melhor serviço. Precisando se sujeitar às regras impostas pelo patrão.

Pode-se avaliar o trabalho como mercadoria porque está sujeito à supremacia do consumidor. O empregador é obrigado a não pagar a um trabalhador mais do que o consumidor estará disposto a lhe embolsar pela correspondente contribuição do trabalhador em questão.

O que o empregador compra no mercado de trabalho é sempre uma *performance* avaliada segundo o seu preço de mercado. Em um livre mercado, a concorrência fará empresários terem que pagar salários maiores, para não perderem funcionários para outras empresas.

Mesmo trabalhadores empregados sempre estão à procura de melhores condições de trabalho, para assim melhorar sua qualidade de vida. Há uma tendência permanente de os trabalhadores mudarem de ocupação, para outras semelhantes, sempre que as condições pareçam melhores.

Em um mercado livre, o trabalhador que se sentir explorado rescindirá seu contrato de trabalho para procurar melhores empregos. Fato que não ocorre quando não existe concorrência pelos empregados, devido à ausência do capitalismo. O número de opções para o trabalhador procurar um novo emprego será limitado, tendo assim, que se sujeitar ao trabalho exploratório.

O empregador não está fazendo um favor aos seus empregados, ele precisa de mão de obra para realizar seus objetivos através de sua empresa. O empregado não está fazendo um favor ao seu patrão, ele precisa do salário para conseguir pagar suas contas.

Não é o empresário em si que explora o trabalhador, e sim a falta de livre concorrência.

# Sindicatos

As pessoas em geral pensam em um mundo mais justo perante a existência dos sindicatos. Se hoje lhes perguntássemos o que explicaria as melhorias de vida dos trabalhadores ao longo do tempo, responderiam sindicatos e governos. Isto se deve ao fato histórico que ficou marcado na mente das pessoas. A melhoria do padrão de vida dos trabalhadores na Europa devido à prosperidade do capitalismo coincidiu com o sindicalismo.

Sindicalistas afirmam que se não fossem eles, o padrão atual dos trabalhadores não seria maior do que aquele dos primeiros anos da Revolução Industrial. Essa conclusão só poderia ser real se existisse apenas uma fábrica no mundo. Ao ser criada uma segunda fábrica, passou a haver uma competição por trabalhadores. A mão de obra não é infinita, e os empresários necessitam de pessoas para conduzir suas fábricas.

Já com o aumento de empresas sendo abertas com a ajuda do livre mercado, empresários concorrentes teriam que aumentar salários e condições de trabalho para atrair trabalhadores. Por conseguinte, outras empresas teriam que aumentar salários para manter os seus próprios trabalhadores, pois o trabalhador não é ingênuo, e sempre irá atrás de melhores condições de trabalho. Fazendo os salários no geral aumentarem naturalmente, independente da presença de sindicatos.

A essência da doutrina social sindical está contida no slogan exploração, porém este slogan só será verdadeiro se não existir capitalismo, pois assim não haverá concorrência para atrair e melhorar as condições dos trabalhadores.

Sindicatos fortes exigem maiores salários praticamente por decreto. Em greves, fecham as portas das fábricas, não permitindo a entrada de funcionários, mesmo dos que não são adeptos à greve. Forçando, por coerção, empresas realizarem o cumprimento das exigências, pois se importam apenas com o interesse de um grupo de trabalhadores, desprezando as consequências que ocorrerão. Assim, a contratação de mais funcionários pelas empresas fica limitada, devido aos altos valores agora gastos para atender as necessidades da classe, o que gera altos índices de desemprego em detrimento do interesse de poucos.

Ganhos que os sindicatos fortes conquistaram para os seus membros se deram essencialmente à custa de todos os outros trabalhadores, pois, em uma economia de mercado, o poder de compra de um trabalhador sindicalizado será maior do que os que não terão esses privilégios.

Se perguntarmos para uma pessoa humilde se é justo pagar melhores salários e benefícios como participação de lucros para pessoas que trabalham em indústrias, a resposta na grande maioria será sim. Em seguida, se perguntarmos se a maioria dos seus eletrodomésticos como geladeira e fogão estão novos ou em perfeitas condições de uso, a resposta provavelmente será não.

Raramente pessoas associam os altos preços dos produtos finais (como geladeira e fogão) com o alto custo devido aos direitos conquistados pelos sindicatos.

É preciso relatar, também, que há diversos casos de funcionários de sindicatos agindo em benefício próprio à custa dos seus próprios membros. Mas, como a causa que apoiam é “justa”, tudo acaba sendo abafado.

## Mais benefícios para os que não merecem

Temos que ressaltar que a CLT protege mais o mau funcionário. Se um bom e responsável funcionário quiser sair de uma empresa, por ter conseguido algo melhor, ou por assuntos particulares, deverá fazer a carta de rescisão de contrato. Então, receberá na rescisão o último salário proporcional, férias e décimo terceiro proporcional. Já o funcionário mal-intencionado faz uso de uma estratégia nefasta. Ao invés de fazer a carta rescisória, tenta o máximo possível prejudicar a empresa para que seja mandado embora.

Assim, além de receber os mesmos valores que receberia fazendo a carta, também tem o direito de receber 40% do fundo de garantia pago pelo empregador, direito de sacar o FGTS e ainda tem o direito de ganhar o seguro-desemprego por até cinco meses.

Lamentavelmente, essa nossa ordem social não recompensa os de maior mérito, e sim os desonestos e trapaceiros.

## Merecia ganhar mais!!!

As pessoas são propensas a superestimar o seu próprio valor e méritos, pensando que o seu valor no mercado de trabalho deverá ser compatível com os seus próprios desejos. Isso provavelmente não vai acontecer, obrigando-as a diminuir suas propensões, ajustando com o que o mercado de trabalho está pagando pelas mesmas tarefas. Esse sentimento faz parte do ser humano, que intrinsicamente sempre anseia por mais, independente das circunstâncias.

Outra ideia que as pessoas têm como certas é o fato de que o trabalho realizado por pessoas engravatadas dentro de um escritório vale mais do que o trabalho realizado por peões. Na verdade, isso quem irá mostrar é a própria sociedade, pagando o que acha justo pela atividade exercida. Com a explosão no número de faculdades nos últimos anos, é verificado um aumento de profissionais no mercado de trabalho.

Um curso superior que teve aumento excessivo no número de alunos foi o de Direito. Existem mais faculdades de Direito no Brasil do que no restante dos países do mundo somados: são mais de um milhão de profissionais no país! Com a concorrência grande para entrar no mercado de trabalho, é evidente observarmos uma diminuição nos salários desses profissionais, pois clientes e empregadores irão sempre buscar pagar menos pelos serviços prestados.

As pessoas reclamam e ficam indignadas de como alguém com curso superior, e muitas vezes com mestrado e doutorado,

pode ganhar menos do que um simples encanador, que não necessita de nenhum título para exercer sua função.

Os valores atribuídos ao trabalho refletem muito na oferta e demanda de determinada área, como no caso dos advogados, cujo salário tenderá a diminuir, pois a oferta de advogados disponíveis é muito maior do que a demanda, que são os clientes. Independente de terem curso superior, são os clientes que irão decidir o seu real valor. Já no caso do encanador, apesar de ele na maioria das vezes não possuir curso superior, a oferta e demanda para este segmento é mais atraente, podendo cobrar mais caro por seus serviços, pois seus clientes não terão muitas escolhas, e são obrigados a contratarem um encanador, evitando estragos maiores em suas casas.

Devidos a fatores culturais e pressões sociais influenciadas pela sociedade e família, muitas pessoas formadas em cursos superiores, mesmo não estando em condições financeiras favoráveis, na maioria das vezes não se submetem aos trabalhos tarjados como “inferiores”. Tendo a ideia de que determinados trabalhos são para engravatados e graduados e outros para pessoas sem estudo. Bom para o encanador, que terá seus serviços e renda aumentados com a baixa concorrência.

## “Enganando o consumidor”

Existe na natureza uma corrida armamentista para quem quer sobreviver no mundo selvagem. A batalha entre a vida e a morte acontece diariamente entre presa e caçador. Quem estiver mais adaptado sobrevive. Um tigre precisa correr mais rápido do que uma gazela para não morrer de fome. E uma gazela precisa correr mais rápido que seus predadores para sobreviver. Ao longo de gerações, apenas os melhores adaptados sobrevivem. Com isto, tigres e gazelas tendem a ficar cada vez mais velozes.

No livre mercado, existe algo parecido. Clientes cada vez mais exigentes obrigam empresas a melhorar a qualidade, assim como praticar preços mais atrativos. Caso contrário, eles migrarão para lugares que melhor atendam suas necessidades. Sobreviverão a esta batalha apenas as empresas que se adaptarem ao mercado.

Os clientes prestigiam as lojas nas quais conseguem obter o melhor custo-benefício em suas compras. São patrões impiedosos, com muitas exigências e cheios de capricho. Para eles, a única coisa que conta é a sua própria satisfação. Se for oferecido aos consumidores algo melhor e que seja mais barato, abandonam rapidamente seus fornecedores habituais.

Clientes são soberanos, nem sempre inteligentes, mas são soberanos. Não existe lealdade e altruísmo quando um consumidor compra em algum estabelecimento. As compras são feitas não para ajudar um vendedor ou lojista, e sim para aumentar a satisfação dos clientes, com produtos e serviços mais atraentes.

Não é obrigação do estabelecimento atender bem seus clientes. Algumas pessoas acham que é um dever dos lojistas atenderem

com excelência seus consumidores. Não existe, em nenhuma lei, a obrigação do bom atendimento. O consumidor não poderá chamar a polícia alegando um péssimo atendimento. Porém, se o lojista tem a liberdade de ser rude com seus clientes, terá que arcar com as consequências. E elas serão desastrosas. Segundo o marketing, se uma pessoa for bem atendida em um estabelecimento, talvez comente com alguém. Caso o cliente seja mal atendido, divulgará sua experiência com no mínimo sete pessoas.

O lucro que os empresários têm é conquistado à medida que conseguem atender melhor os desejos dos consumidores. Obrigando-os a fornecer produtos em uma maior quantidade, de melhor qualidade e pelo menor preço. Esta é a chave do sucesso para quem quiser enriquecer abrindo uma empresa.

Muitas pessoas acreditam que os empresários exploram e enganam os consumidores. Esta afirmação não faz sentido em um livre mercado. Um dos motivos é que ninguém é obrigado a comprar nada contra a sua própria vontade. Outro motivo é que o cliente não é idiota nem ingênuo a tal ponto de ser eternamente enganado. Quando um cliente acha que foi ludibriado por algum lojista, não voltará em sua loja novamente, assim como fará uma péssima propaganda dela e até mesmo poderá entrar na Justiça para obter seus direitos. Obrigando o lojista a melhorar seu serviço se quiser continuar no mercado.

O grande perigo para o consumidor é o monopólio ou a restrição por parte do Estado em liberar o mercado para aumentar a concorrência. Pois assim não restariam escolhas para os clientes, que se veriam obrigados a pagar mais caro por serviços ruins. Já em um mercado de livre concorrência, o consumidor estará naturalmente protegido.

## GOVERNOS E INTERESSES

Na ganância de alcançarem poderes parlamentares, políticos utilizam o povo como escudo para conseguirem os seus próprios interesses. Mas o resultado são sempre os mesmos: políticos tendo um aumento patrimonial gigantesco e o povo na pobreza.

Neste capítulo, iremos discorrer sobre os reais interesses políticos que afligem nosso país.

## Maneiras de usar o dinheiro

Podemos usar o dinheiro com extravagância ou com moderação. Milton Friedman mostrou que o dinheiro pode ser usado de quatro diferentes maneiras, dependendo das circunstâncias.

A primeira maneira é quando gastamos nosso próprio dinheiro com nós mesmos, neste caso, sempre nos esforçando em fazê-lo da melhor forma possível, afinal, é o fruto de nosso trabalho, dos nossos esforços. Por isso procuramos sempre a melhor relação custo-benefício na hora de comprar qualquer produto ou serviço e evitamos desperdício.

A segunda maneira é quando gastamos o nosso dinheiro com outra pessoa, comprando um presente para ela, por exemplo. Neste caso, sempre calculamos o valor do presente em função de sua importância e merecimento e, principalmente, se temos ou não condições para isso. Muitas vezes compramos um presente que parecia ser caro, mas na verdade foi barato. Apenas para impressionar a pessoa, sem nos preocuparmos com sua utilidade.

A terceira maneira é quando gastamos o dinheiro de outra pessoa conosco. Um bom exemplo é imaginar alguém nos oferecendo um almoço no restaurante que escolhermos. Com toda a certeza, escolheremos um restaurante melhor e mais caro do que aquele que optaríamos num dia qualquer, afinal, não seríamos nós que pagaríamos a conta. Isso é muito comum para as pessoas que trabalham no governo. Gastando recursos sem se preocuparem com o bem geral da nação, pensando apenas no próprio umbigo. Temos

atrás, descobriram o exagero da ganância feita por meio do cartão corporativo do governo. Sobrando para o povo pagar a conta.

A quarta maneira é quando gastamos o dinheiro de uns com outros. Aí, é onde se desperdiça mais dinheiro. Por exemplo, se alguém nos der um dinheiro para comprar um presente para uma terceira pessoa ou nos mandar fazer um serviço utilizando material que não foi comprado por nós, não haverá razão para nos preocuparmos com o bom uso desse valor. Isso explica como o governo usa mal o dinheiro público, esbanjando nosso dinheiro em obras e setores de maneira desleixada quando poderia ser usado de uma forma muito mais econômica e produtiva. Na mente dos administradores, o dinheiro dos cofres públicos é infinito, ainda que não precisem prestar contas da eficiência de seus gastos.

É assim que se resume como é gasto o dinheiro sofrido do povo. Retirado de uma forma imposta, através dos impostos, e empregado de maneira displicente e inconsequente. Sendo jogados no ralo inúmeros recursos que poderiam estar sendo empenhados para satisfazer os sonhos dos brasileiros.

# Emprego

Na ambição de conseguirem se eleger, políticos prometem a criação de novos empregos para a população. Políticos só podem realizar esta promessa se aumentarem o número de funcionários públicos. O problema é que a máquina do Estado já está inchada, não comportando a absorção de mais pessoas. Quanto mais o governo emprega, mais ele irá tirar dos seus próprios cidadãos.

A única forma satisfatória de aumentar o emprego é eliminar restrições e regras, deixando o empreendedor abrir ou ampliar as empresas. Assim, mobilizará novas contratações, engrenando a economia. Ou seja, o melhor político é aquele que não interfere na economia, sendo preferível que ganhe seu salário ficando em casa. Deixando assim a “mão invisível”, retratada por Adam Smith<sup>9</sup>, conduzir a economia de uma forma mais eficaz.

Governos socialistas, como tendem a distorcer e atrapalhar o mercado econômico, diminuem a criação de empregos, deixando milhões de desempregados no país. E, para reparar seu próprio erro, prometem seguridade social para todos, como se os cofres públicos fossem infinitos. Com isso, ganham apoio da população pelas promessas, pegando dinheiro de uns e transferindo para outros. Isto é, autodeclaram-se patrono do povo, praticamente semideuses.

A seguridade social não mostrava nenhum sinal de que acabaria com a assistência social, pois tinha como meta favorecer pessoas que estavam em situação de vulnerabilidade, cortando seu benefício para fazê-las seguirem a vida com seus próprios pés. No entanto, não é isso que observamos nos programas sociais,

pois os que recebem auxílio do governo têm pouco incentivo para ganhar seu próprio dinheiro, preferindo ganhar migalhas permanentes do Estado a ir atrás de melhores condições de vida.

O Estado, ao invés de mostrar ao povo como pescar, lhe entrega o peixe pronto, deixando o país dividido entre os que recebem o auxílio do governo e a parte que paga por isto. As pessoas que recebem os benefícios se queixam que os valores são inadequados para manter o padrão de vida, e as pessoas que pagam por estas contribuições se queixam de que acabam sendo um ônus pesado. Sem contar que o dinheiro que deveria ir para a seguridade social não vai essencialmente para os vulneráveis: parte se destina às despesas administrativas, sustentando uma imensa burocracia, e outra parte para a corrupção. Colocando assim a população em uma camisa de força.

Nesse sentido, leiamos uma historieta de Esopo, chamada “O camponês e os seus filhos”:

“Um camponês tinha chegado ao fim de sua vida. Como queria que os filhos soubessem o que era cuidar da terra, chamou-os e lhes disse:

— Meus filhos, chegou a minha hora. Quanto a vocês, nada lhes faltará se procurarem o que escondi nas minhas vinhas.

Os filhos pensaram que ele estivesse falando de algum tesouro.

Uma vez o pai morto, eles cavaram todo o terreno, mas em vão.

Nada de tesouro, mas a vinha bem lavrada deu-lhes uva em abundância.

Moral da história: O tesouro é o trabalho.”

## É “grátis”?

Nas minhas férias escolares de verão, sempre visitava minha avó em Presidente Prudente. Morávamos a uns 600 quilômetros de distância. Muitas vezes viajava sozinho de ônibus. Em uma dessas viagens, percebi que estavam fornecendo copo de água mineral grátis, algo inédito para mim. Lembro-me que bebia água sem estar com sede, aproveitando da circunstância de pegar algo de graça. Mesmo sem precisar. O que resultou em inúmeras idas ao banheiro durante a viagem.

Ao nos depararmos com estas situações, em que nos é fornecido algo de “graça”, temos uma ideia subconsciente de que aquilo não teve custo, e que nunca irá acabar. Tais circunstâncias podem ser propiciadas tanto pela iniciativa privada como por instituições públicas. Mas o mecanismo é diferente.

No intuito de aumentar as vendas, o marketing de empresas privadas induz os clientes a pensar que elas estão fornecendo produtos de graça. Deixando assim uma mensagem subliminar de que eles poderão levar vantagens na loja, levando itens sem precisar pagar. Por isso são comuns promoções do tipo “leve três e pague dois”, ou “leve de graça as cadeiras comprando a mesa de jantar”. O cliente não poderá levar apenas o produto sem precisar pagar nada. Este produto que será adquirido “gratuitamente” já está embutido no valor total — estratégia pensada para aumentar as vendas.

No socialismo, é clássico o fornecimento de produtos e serviços “gratuitos” pelo Estado. Passando, assim, para o povo, a

mensagem subliminar de que o governo é caridoso e justo. Pessoas mal informadas acham que o Estado tem em sua posse recursos infinitos, pensando que tudo é subsidiado por ele próprio, porque não possuem uma visão mais expandida do que realmente acontece com o dinheiro.

Muitas pessoas não conseguem enxergar que os recursos que o Estado possui vêm exclusivamente dos cidadãos, recolhidos na forma de taxas e impostos. Pensam que o Estado possui uma varinha de condão para fornecer serviços e produtos gratuitamente. Fazendo um comparativo, é como a criancinha de 6 anos que vai ao caixa eletrônico com sua mãe tirar dinheiro e pensa que é só colocar o cartão na máquina que todos os problemas estarão resolvidos.

Lembrando que o “de graça” usado pelo Estado a fim de enaltecer suas ações sai muito caro para os cidadãos. Como já descrito em capítulos anteriores, muitos dos recursos são perdidos ao longo do percurso, como: corrupção, que cada dia aumenta em nosso país, devido a um jurídico que não faz justiça; e uma enorme burocracia, que, além de ter que manter a onerosa máquina pública, ainda faz os recursos não chegarem aonde realmente precisa, por termos um poder centralizado.

Na próxima vez que o estimado leitor receber algum produto ou serviço, sendo fornecido gratuitamente pelo Estado, já se lembrará que ele teve um custo altíssimo. E muita labuta do trabalhador teve de ser despendida para isso acontecer.

## Autopropaganda do governo

Nossos governantes, para parecerem mais eficazes e produtivos, sempre fazem uma autopropaganda positiva em parceria com algumas mídias. Muitas vezes gastando mais com propaganda do que com a obra propriamente dita.

Com o objetivo de manter a reputação, o governo diz que todos os seus problemas são devidos a influências externas que estão além de seu controle, atribuindo a si o crédito por toda e qualquer ocorrência favorável.

Inevitavelmente, burocratas persuadem o povo a crer que são eles indispensáveis, de que sabem mais sobre o que deve ser feito do que os próprios cidadãos. Pensam que os cidadãos não sabem conduzir suas próprias vidas sozinhos.

Na Roma Antiga, o governo realizava o famoso “pão e circo”. O pão simboliza os alimentos distribuídos gratuitamente ou com preços subsidiados, com o objetivo de conter revoltas populares que ocorriam devido à escassez de alimentos. E o circo é representado por acesso a espetáculos abertos para o povo, dos quais boa parte tratava-se de católicos sendo devorados por leões, ou dramatização de guerras usando escravos como atores. O governo dava, assim, a seguinte mensagem ao povo: “Nós te amamos, mas, se saírem da linha, este é o resultado”. Com isso mantendo o povo fiel e a ordem estabelecida.

Passados séculos, os nossos governantes ainda usam a essência do “pão e circo”. O pão agora representado por programas sociais como Bolsa Família, e o circo na forma de patrocínio a

festas como o Carnaval e perdão de dívidas de times de futebol. Parlamentares sabem que o povo está mais preocupado com os jogos de futebol do que com decisões importantes tomadas no Congresso Nacional.

Ao passar do tempo — e isto foi uma projeção estratégica —, as pessoas se afastaram da crença da responsabilidade e confiança individuais para a crença da responsabilidade social e confiança no governo.

Mesmo com pessoas de boa índole no governo, muitas vezes a intenção de servir o interesse do público é levada por uma mão invisível que promove interesses particulares que não faziam parte dessa intenção. Suponhamos que, em determinada cidade, está sendo discutida, em uma assembleia, em que bairro será realizada uma revitalização das vias públicas. Porém, a verba disponível poderá revitalizar apenas uma área da cidade. Estas obras consequentemente valorizariam os imóveis situados naquela região. Será que o voto dos parlamentares será influenciado por interesses próprios, ou apenas pensarão nos interesses do público, priorizando as áreas de maior necessidade?

## Promessas de políticos

Sendo uma país democrático, o Brasil, pelo menos na nomenclatura, faz com que os políticos precisem de votos suficientes para ser eleitos. E, como todos sabem, todo ano de eleição os políticos saem da toca, indo para as ruas abraçar velhinhos, beijar crianças e fazer discursos retaliando as corrupções políticas, mencionando que, com ele no comando, será diferente.

E na ambição de chegar ao poder, os políticos podem prometer tudo o que quiserem, sem serem cobrados pelas promessas feitas. Assim, muitas vezes, ganham os políticos que apresentam uma melhor oratória e retórica. Ou seja, pode-se prometer que acabarão com analfabetismo assim como providenciarão saneamento básico para toda a população e, ao final do mandato, se a população vier a cobrar as promessas que obviamente não foram cumpridas, escolhe-se um bode expiatório. Nesses momentos, até mesmo o cometa Halley pode ter atrapalhado o político em realizar suas promessas.

Promessas enganadoras já viraram um paradigma. Fazendo da nossa política uma ferramenta para satisfazer interesses próprios, além de enriquecimento pessoal. Enéas Carneiro afirmava que a maioria das pessoas que se aproximam da política o faziam para obter vantagens, pois fracassaram na vida profissional, sem ter tido uma carreira com brilho.

# Nepotismo

Nepotismo é o favorecimento de parentes através de pessoas que trabalham no Estado. Desconsiderando a capacidade técnica para o exercício do cargo, com isto beneficiando pessoas sem merecimento. É um ato ilegal perante nossa Constituição Federal.

Apesar de ser proibido, é um ato muito comum no Brasil. Mas é difícil de conseguir incriminar os corruptos, pois geralmente é usado o nepotismo cruzado. Por exemplo, temos três políticos no esquema — A, B e C. O político A beneficia de alguma maneira algum parente do C. Já o C beneficia algum parente do político B. E o B, por sua vez, beneficia algum parente do A. Se fossem usados mais políticos neste esquema, seria matematicamente muito mais difícil de conseguir descobrir a fraude.

Tal prática pode beneficiar parentes de diversas maneiras, como: ajuda em concursos públicos, ingressando como assessores de políticos ou conseguindo cargos comissionados. Assim deixando de fora pessoas realmente capacitadas para privilegiar parentes de políticos com o famoso cabide de emprego.

Quem paga estes altos salários — que por sinal são bem acima do mercado — é você.

# Licitações

A palavra licitação é original do latim *licitario* e significa o “ato de vender em leilão”, do verbo *licitari*, isto é, “leiloar, oferecer pelo menor preço”, derivado de *licere*, “tornar lícito um procedimento”. Portanto, lícito significa “justo e legítimo”.

Licitação é um processo administrativo realizado pelo Estado com o objetivo de escolher uma empresa apta para o fornecimento de determinados produtos e serviços. As empresas privadas são livres para entrar na disputa, e ganhará aquela que tiver os melhores critérios de julgamento utilizados pela administração pública.

Na teoria parece ser uma ótima forma de se usar o dinheiro público, pois o Estado selecionaria a empresa privada de melhor custo-benefício de cada área, fazendo com que gaste o menos possível, recebendo ótimos serviços e produtos das vencedoras dos processos licitatórios.

Mas, na prática, várias licitações são uma forma de enriquecimento ilícito. Existem brechas no processo licitatório, apesar de ele ser aberto ao público e todas as empresas privadas podem concorrer. Funcionários públicos corruptos fazem esquema com determinada empresa que concorrerá na licitação. Assim, ao fazer o processo licitatório, direcionam itens para a empresa do esquema ter mais chances de ser “premiada”. Para isto, são inseridas cláusulas no processo, que já anteriormente sabido, só se conseguem atingir as exigências pela empresa do esquema. Após ganhar o processo, a empresa repassa alguns valores para os envolvidos.

E, assim, o Estado gasta o nosso dinheiro. Adquirindo produtos e serviços de baixa qualidade por um preço alto.

## CPF na nota, por favor...

*Stratégie, strategy, strategia, strategiya, strategi, cèlviè.* Pode ser em qualquer língua e qualquer lugar, ninguém usa melhor a estratégia do que o Estado. Que faz o cidadão trabalhar para ele sem perceber, dando migalhas como recompensa. Ficando, assim, todos felizes.

Já dizia o ditado popular: “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”. A intenção passa despercebida pelo povo, que só enxerga a esmola. Nos últimos anos, vários estados têm pagado uma recompensa para os consumidores que exigirem nota fiscal em suas compras.

Produtos e serviços que são mais fáceis de sonegar impostos são os mais atrativos para os adeptos do CPF na nota. Até então, ninguém pedia nota fiscal por um salgado na barraquinha da praça. O Estado então aumentou o recolhimento de impostos, repassando para o consumidor que pediu a nota fiscal uma porcentagem ínfima do que recolheu.

Antes, o barbeiro do bairro era então considerado um criminoso pelas autoridades por não declarar, na sua totalidade, toda a receita do seu estabelecimento. Cobrava R\$ 20 por corte. Agora, com a exigência dos clientes em fornecer o CPF na nota, ganhou um sócio invisível. Para então manter a contabilidade em dia, precisará aumentar o seu serviço para R\$ 25.

Assim acontece com diversos estabelecimentos, que aumentam os valores dos preços cobrados, gerando um efeito cascata, inflacionando os preços no geral. Ao receber do governo a gorjeta

referente ao CPF na nota, o consumidor fica feliz em poder comprar um sorvete no final do mês. Mas não percebe que as pessoas perderam poder de compra.

Este é um dos inúmeros exemplos de situações em que o governo máscara seus objetivos, com pequenas retribuições. Na verdade, estamos simbolicamente mostrando que o Estado sabe cuidar melhor do nosso dinheiro do que nós mesmos.

## “O meu governo foi ótimo!!!”

A canoagem é um esporte olímpico que não detém recorde Mundial. Apenas melhores resultados referentes à determinada competição. Isso ocorre devido ao esporte ser praticado em lugares abertos, possuindo muitas interferências.

Nunca haverá condições idênticas que justifiquem glorificar algum atleta como recordista mundial. Mesmo se fossem realizadas competições em um único lugar do mundo, ainda assim existiriam muitos interferentes, como: velocidade, sentido e direção do vento, temperatura e densidade da água etc.

Com a economia acontece algo similar. Nunca haverá condições idênticas para compararmos a eficácia entre gestões políticas. Não podemos voltar no tempo e testar políticos diferentes para realmente fazer a melhor escolha. Por isso a economia não é considerada uma ciência, devido à impossibilidade de padronizarmos as circunstâncias. Diferente do que acontece em um laboratório de ciências, onde conseguimos realizar o mesmo experimento em qualquer hora e lugar do mundo.

Existem inúmeros fatores que colaboram para uma boa gestão política. Uma delas é como se encontra a atual situação financeira, assim como o tamanho da dívida interna e externa do país. Gastos com a máquina pública afetam diretamente na nova gestão. Outro fator importante é como se encontra a situação econômica mundial, pois afetará diretamente na gestão financeira local.

Políticos prepotentes se autodeclaram como sendo os melhores gestores de um governo que já existiu. Todos os aspectos

positivos que ocorrem no país são retratados como sendo causas diretas de sua gestão. E tudo de ruim que ocorreu no país foi devido a fatores externos, justificando que não têm responsabilidade alguma por isso. A arte de vender o próprio peixe é a propaganda perfeita no mundo político, prevalecendo apenas os pontos positivos.

Ao analisar se um político é um bom candidato, na hora de votar, devemos ter um olhar mais crítico e macroscópico, verificando o que ele já realizou com as ferramentas que possuía no momento, enaltecendo assim sua eficiência e produtividade, e não seu discurso e propaganda.

## Efeito borboleta

“O bater das asas de uma borboleta num extremo do globo terrestre pode provocar uma tormenta no outro extremo, no espaço de tempo de semanas.” (princípio da teoria do caos, de Edward Lorenz)

Claro que um simples bater de asas de uma borboleta não causa um tornado por conta própria. Mas sim, como pequenas mudanças nas condições iniciais podem levar a mudanças drásticas nos resultados.

Nunca iremos fazer um nexo de causalidade entre uma borboleta e um tornado.

A corrupção privilegia alguns políticos corruptos e prejudica milhões de pessoas. Existem várias licitações de rodovias em que políticos estão envolvidos ilicitamente. Nos contratos entre governo e empresas licitantes, existem cláusulas que obrigam a empresa a duplicar vários trechos das rodovias, assim como mantê-las em boas condições para justificar o pedágio. Políticos recebem propinas dessas empresas e assim “camuflam” a obrigação de duplicação das rodovias, de modo que o motorista paga pedágios caríssimos por um péssimo serviço.

Obviamente, em rodovia com pista simples e em mal estado o número de acidentes tende a ser alto, contribuindo para aumentar o número de mortes nas estradas.

Nunca iremos fazer um nexo de causalidade entre propinas e vítimas de trânsito.

Muitos recursos que deveriam ser destinados para a área da saúde são desviados por grupos políticos para interesses próprios. Evidenciamos, nos principais jornais, inúmeras mortes ocorridas por falta de equipamentos e insumos, devido ao dinheiro não ter chegado aonde deveria.

Nunca iremos fazer um nexo de causalidade entre propinas e pessoas morrendo na fila de hospitais.

## Recursos ilimitados

Algumas pessoas não conseguem entender que não é possível ter tudo para todos. Os recursos são limitados, e é por isso que existe o sistema de preços, não sendo, assim, possível transformar como, em um passe de mágica, desejos em realidade. Eu faço parte dos “sem Ferrari”, grupo de pessoas que não possui uma, mas sonham em tê-la. E nem por isso alguém é obrigado a me fornecer uma.

O brasileiro é apaixonado por um bom churrasco e, nos finais de semana, tendo um dinheirinho sobrando, sempre acaba em confraternizações com carne e cerveja. Uma das carnes mais apreciadas no país é a picanha. Existem perto de duzentos milhões de cabeças de bois no país, dando praticamente um boi por habitante brasileiro. Cada boi tem aproximadamente três quilos de picanha. E, se fôssemos consumir conforme o desejo das pessoas, sem utilizar sistemas de preços, teria picanha para apenas uma semana. Exemplificando que tudo é limitado.

Políticos em busca de candidaturas prometem casas populares de graça para pessoas carentes, alegando haver injustiças em uns terem casa para morar enquanto outros não. Mas esquecem de relatar que existem muitas pessoas que trabalharam a vida inteira para ter uma casa própria, economizando recursos para isso. Outros precisam pagar aluguel para poderem morar sob um teto. Seria justo beneficiar apenas alguns?

Utópicos acabam colocando na cabeça de pessoas que ideias surrealistas serão realizadas em seu futuro e muitos acabam acreditando devido a uma nefasta retórica e o uso de lavagem cerebral. E no mundo das ideias não existem limites, porém devemos analisar com cautela e realismo.

## Interesses internos

O Estado possui um grande poder em interferir nas faces socioeconômicas de um país, podendo assim aumentar a moeda corrente, leis que concedem direitos para algumas classes e obras conforme a necessidade perante sua lente de visão.

Se o governo fosse imparcial, e com apenas boas intenções, ainda assim seria trágico se alterasse muito as questões da economia. Porém, o governo age primeiramente em prol de seus próprios interesses e nos interesses do partido. Poucos são os que colocam os interesses nacionais acima dos interesses do seu grupo.

Sendo os políticos que criam e aprovam as leis, tornam-se mais fáceis leis como o aumento dos seus próprios salários e também benefícios como o auxílio-paletó, auxílio-moradia e 14º salário serem sancionados.

Existem, por parte do Congresso Nacional, propostas que possuem menos barreiras para serem implementadas, tornando bem mais descomplicado, por exemplo, votar leis que empenham recursos para serem usados nas próximas campanhas políticas a partir do dinheiro recolhido através dos impostos dos cidadãos.

E dentre todos os benefícios e direitos dos políticos, o que mais me intriga é a existência do chamado foro privilegiado. Políticos com mandato têm o direito de serem julgados por tribunais superiores quando são acusados de algum crime. Porém, o que é observado no Brasil é que este direito dado aos políticos lhes proporciona praticamente uma plena imunidade.

Lembrando que muitos juízes são escolhidos pelos governantes. Seria como você escolher o juiz que a apitará os jogos de futebol do seu bairro. Certamente o seu time levará algum tipo de vantagem por ser amigo do juiz.

## SOCIEDADE BRASILEIRA

Valores invertidos, ética e moral não respeitadas, famílias desfragmentadas. Esta é a inércia com que o país está sendo conduzido. Jovens que vão para a universidade com ideais que não fazem jus ao seu conhecimento. Novelas e a mídia incorporadas nos pensamentos e atitudes da sociedade como se esta fosse uma marionete. E o resultado disto é uma sociedade cada vez mais fragmentada, inserida em ideologias nefastas.

## Visão microscópica

O brasileiro, no geral, não se interessa por assuntos envolvendo política e economia. Na verdade, ele não se interessa em aprender nada de novo, a não ser que traga algum retorno financeiro. Parece um exagero, mas o nome científico da nossa espécie, *homo sapiens* (derivado do latim, que significa “homem sábio”, ou “homem que sabe”) deveria ser outro, tomando como base a média dos indivíduos.

Muitas pessoas, ao lerem manchetes nos jornais e assistirem aos noticiários da televisão, acreditam que conhecem realmente o assunto. Como se tivessem feito um estudo profundo sobre a referida questão, e saem debatendo por aí com propriedade e convicção.

O que seria um bom governo para pessoas que não gostam de ler sobre política? Um bom governo para estas pessoas seria aquele em que o seu salário aumentasse, mesmo ele fazendo as mesmas atividades. Um bom governo seria aquele que proporciona mais direito e menos deveres, prevalecendo a justificativa que tudo de benéfico que acontecer com nosso próprio umbigo é justo.

Dessa maneira, não é percebida, por muitos, a realidade como um todo. Eles se esquecem que existem inúmeras externalidades que podem ocorrer em um determinado governo. Suponhamos dois cenários: no primeiro, uma pessoa está se dando bem nos negócios, apesar de a economia estar em uma grande crise; e no segundo uma pessoa está se saindo mal financeiramente apesar de a economia estar voando.

Subconscientemente, iremos comparar a nossa própria situação com o governo, ou seja, mesmo se o governo estiver sendo ruim para o país, porém estivermos sobressaindo bem financeiramente, veremos nosso sucesso sendo possível por causa do governo.

Aproveitando-se da situação, usando da amnésia política do povo, governantes que almejam a reeleição compram eleitores com migalhas, fazendo inúmeras benfeitorias no ano de eleição, como abaixar gasolina, aumentar crédito e revitalizar o asfalto das ruas. De maneira que os eleitores se esquecem de tudo o que foi feito de ruim nos quatro anos, como em um passe de mágica.

## Desigualdade social

Muitos políticos usam como pilar de suas candidaturas atizar a inveja dos seus cidadãos, a fim de conseguirem assim apoio. A inveja está intrinsicamente ligada à natureza humana. Nunca a assumimos, mas ela está sempre presente.

Alguns políticos expõem a desigualdade social como sendo um dos piores tipos de injustiça; algo na humanidade que deveria ser urgentemente combatido. Fazendo com que milhões de pessoas acreditem e pensem que a propriedade privada de pessoas com maior poder aquisitivo deve ser dividido.

Muitas pessoas pensam apenas no patrimônio de afortunados, almejando uma divisão mais justa. Mas se esquecem que existem milhões de pessoas em condições piores do que as delas. Neste caso, não se esforçam para uma divisão mais justa, com o seu próprio patrimônio.

Se conseguíssemos dividir a riqueza humana entre todas as pessoas do mundo, a “igualdade social” duraria apenas alguns segundos. Pois se uma pessoa gastasse seu dinheiro ao comprar um simples produto, já haveria de novo uma desigualdade social. Sendo preciso fazer uma nova divisão a todo momento, ou seja, nunca seria possível. É um pensamento utópico, beneficiando políticos que ludibriam o povo com suas falsas esperanças.

Existem pessoas que preferem guardar parte do seu salário, se precavendo para o futuro. Outras gastam tudo como se não houvesse amanhã, usando como desculpa o ditado popular “caixa não tem gaveta”. Nesta questão, não existe certo ou errado,

e sim causas e consequências. Ou seja, as pessoas podem usar o dinheiro conforme suas preferências.

Muitas pessoas, no intuito de poupar dinheiro, adiam sonhos e limitam seus gastos. Não podemos colocar estas pessoas em uma camisa de força para beneficiar outras que não têm consciência financeira e torram todo o seu próprio dinheiro.

Imagine agora a seguinte situação: existe uma ilha em uma região da África que é rica em recursos naturais, porém seu povo, composto de dez mil indivíduos, vive em situações subumanas. Mais de 90% estão abaixo da linha da pobreza, sendo a renda mensal por pessoa de apenas alguns dólares por mês. Porém, como seus governantes ganham bem, a desigualdade social é grande também.

Cansado dos Estados Unidos, Bill Gates decide morar nesta ilha, atraído pela bela natureza. Ao descer do seu avião particular e tocar os pés no seu novo país, acontece uma catástrofe para alguns. A desigualdade social explodiu, tornando o país agora muito mais desigual, por haver recursos concentrados praticamente em apenas uma pessoa.

Analisando o contexto, apesar de a desigualdade social ter aumentado muito, nem por isso mudou a qualidade de vida das pessoas. As pessoas continuam pobres, com a qualidade de vida igual ao dia anterior à vinda do magnata.

Neste contexto, embora a desigualdade social esteja altíssima, Bill Gates irá precisar de pessoas para trabalhar para ele em suas novas empresas e para construir sua mansão, e, com isso, melhorará a qualidade de vida das pessoas ao aumentar suas rendas, proporcionando que mais indivíduos saiam da linha da pobreza. A desigualdade social em si não mata pessoas, o que mata pessoas é a pobreza.

# Ministério da Cultura

Pedro Álvares Cabral chegou com sua imensa embarcação ao Brasil. Assim chegado, foi preciso anunciar ao rei de Portugal a recém-descoberta. Para isto, já presente na embarcação, um escravo chamado Pero Vaz de Caminha deveria relatar o acontecido.

Ao chegar ao Brasil, fizeram contato com os novos cidadãos do Novo Mundo. Os índios eram pessoas completamente diferentes dos concidadãos da Europa. Numa primeira impressão do ponto de vista europeu, eram alienígenas.

Mesmo assim, Pero Vaz de Caminha não precisou chamar o cacique da tribo para conhecer o ministro da Cultura local. Isto estava explícito nos costumes daquele povo, que morara ali havia séculos.

A cultura de um povo é descrita por costumes e crenças, não precisando, assim, ser anunciada por um oficial da elite.

No Brasil, umas das pastas do governo é o Ministério da Cultura. Tentando, desse modo, incorporar artificialmente uma cultura. Ninguém obrigou nenhum índio a ser como são por causa de um cacique que obrigasse sua tribo a praticar ações estipuladas por ele.

No Ministério da Cultura do Brasil, tudo que é investido no ambiente cultural fica à mercê do governo. Ou seja, o governo investe como quiser na cultura, e é óbvio que tende a investir em pessoas e eventos pró-governo. Todas as causas investidas tendem a proteger e idolatrar o próprio governo.

Não tem como um governo patrocinar algum evento envolvendo cultura que seja contra o próprio governo. Isto não passaria pela “triagem”.

Na verdade, um povo não precisa de um Ministério da Cultura. A cultura se refere aos costumes e ações que um povo tem naturalmente, não precisando, assim, ser exposta artificialmente.

Ao haver um Ministério da Cultura, mesmo que seja o mais imparcial possível, tenderá a patrocinar a cultura conforme suas doutrinas. Isto é fato.

Na educação existe algo parecido: livros didáticos tendem a educar os novos cidadãos com suas próprias doutrinas.

Um governo verdadeiro deve ter como objetivo a imparcialidade no quesito cultura e educação de suas crianças, para que sua nova geração, por meio de conhecimentos, opine o que será melhor para eles e para o país, não ficando, assim, na dependência do que governantes nefastos acham o que é melhor para o país.

# Lei Rouanet

A Lei Rouanet tem como objetivo apoiar o meio cultural e artístico do país, patrocinando, por meio de verbas, projetos culturais de qualquer artista, produtor ou agente cultural brasileiro. Uma lei linda na teoria, mas que possui em si efeitos que não abrangem apenas a cultura, e sim doutrinas e ideologias.

Alguns artistas e cantores renomados, que já conseguem caminhar com suas próprias pernas, tem ganhado fortunas com o advento desta lei. Sendo uma lei que privilegia apenas alguns escolhidos a dedo pelo governo.

Por que então o Estado patrocina artistas e cantores ricos, ao invés de investir em pessoas que estão iniciando suas carreiras no meio cultural?

Conheci inúmeros colegas de trabalho que são fãs de carteirinha de cantores privilegiados pela tal Lei Rouanet. Não há nenhum problema em idolatrar um artista ou cantor, mas o maior empecilho é que essas pessoas não conseguem separar as coisas. Uma coisa é reconhecer um cantor pelo seu talento, outra coisa são suas ideologias. Mas, neste caso, ambas as coisas se misturam na identidade do seu ídolo.

Ao conversar com esses fãs apaixonados, notei que sua identidade e pensamento estão intimamente relacionados com as ideias de seus ídolos. Ou seja, tudo o que o seu cantor ou artista favorito disser a respeito de política, eles irão acreditar. Convictos e persuadidos nas ideias disseminadas através do meio cultural.

É claro que o governo irá patrocinar pessoas que estão do seu lado ideológico. Assim, por meio desta lei, o governo faz uma autopropaganda positiva dele mesmo. Investindo apenas em pessoas, que lhe darão retorno.

## Efeito Gramsci

“Não tomem quartéis, tomem escolas e universidades. Não ataquem blindados, ataquem ideias.” (Antonio Gramsci, filósofo comunista)

Universidades federais doutrinadas, o mundo cultural ideologizado, a mídia em sua essência se vendendo aos interesses do socialismo. Alguma verossimilhança com as ideias de Gramsci no Brasil?

As ideias deste italiano comunista conseguiram adentrar nas entranhas de seus inimigos como o vírus HIV, que não mata seu oponente com brutalidade, e sim destruindo sua defesa. Nada mais bem pensado do que seus ideais nefastos.

Ao se tentar fazer uma revolução comunista pelo método tradicional, seus ideais estão limitados, podendo ser derrotados a qualquer momento pelos seus rivais. Já usando as doutrinas de Gramsci, o processo será diferente. Pouco a pouco os principais veículos de comunicação estarão contaminados pela sua ideologia. Artistas, universidades e mídia estarão ao dispor destes pensamentos.

Logo, não será fácil reverter esta situação. Suas ideologias adentrarão na cabeça das pessoas de uma forma permanente. Assim como um peixe não sabe que vive na água, por não saber da existência de outros modos de vida, pessoas doutrinadas vivem em uma bolha, afirmando incondicionalmente não haver doutrinas melhores para se obter sucesso.

O resultado palpável disso tudo é a nossa própria juventude, fazendo uma nação inteira desacreditar em uma prosperidade palpável. A luz no fim do túnel parece cada vez mais apagada, junto com nossa esperança de um país melhor.

Enquanto jovens em países liberais estão ocupando seu tempo em realizar melhores negócios, em maximizar a produtividade com o auxílio de tecnologias de ponta, nossos jovens estão preocupados em discutir ideologia de gênero, perdendo tempo em saber como se chama uma pessoa que mudou de sexo e gênero. Nada contra este debate, mas existem assuntos mais importantes para ser debatidos. O nome disso é prioridade. Estamos perdendo o foco do que realmente importa com o que não é essencial.

O tsunami ideológico de Gramsci está cada vez mais presente em nossa sociedade e, seguindo a estratégia inicial, a sociedade não desconfia do que está realmente acontecendo.

# Vitimismo

Imaginem a seguinte circunstância: houve um acidente de trânsito sem testemunhas e em seguida chegamos ao local e nos deparamos com um motoqueiro estendido na rua junto com sua moto e um carro parado com sua lataria amassada. A maioria das pessoas já pensaria num suposto veredito: o motorista do carro foi o culpado pelo acidente, resultando em um motoqueiro machucado e uma moto com danificada.

Isto é o que acontece nos casos envolvendo vítimas. Sem nem mesmo testemunharmos o fato, tendemos a defender a vítima desfavorecida, culpando nem sempre o verdadeiro responsável, contribuindo para uma parcialidade jurídica.

Isso acontece em inúmeros casos em que a vítima desfavorecida tende a ganhar a causa e a opinião pública. Como por exemplo, em processos trabalhistas, em que a parte mais frágil, neste caso o trabalhador, vence na maioria das vezes.

Alguns grupos sociais se consideram minorias e acusam a sociedade por sofrerem preconceitos. Lutam para obterem mais direitos, argumentando, assim, equiparar-se à grande maioria.

Nada contra ir-se atrás de direitos, mas suas ambições implícitas são mais profundas do que apenas combater o preconceito. Estes grupos parecem almejar uma imunidade totalitária e permanente, parecendo exigir, dessa maneira, uma anistia histórica, compensando situações passadas.

Fato evidenciado pelo politicamente correto, em diferentes condutas da mídia. Quando alguém deste grupo sofre algum

crime, a imprensa faz um estardalhaço, fazendo com que o caso vire manchete nacional.

Todo crime deve ser repudiado, sendo os agressores punidos severamente. Mas a questão aqui não é o crime em si, e sim quem pratica e sofre o crime. Recentemente, ocorreu um crime bárbaro no país. Um casal de mulheres mutilou o seu próprio filho adotivo, e em seguida o assassinou pelo fato de a criança não aceitar usar roupa de menina. E, ao contrário do que acontece na imprensa quando as minorias são atacadas, neste caso, a mídia não teve motivos para expor o caso em rede nacional, devido ao réu fazer parte das minorias.

Fica claro que a exigência das minorias não se trata apenas do problema chamado preconceito, e sim poderem ter autonomia e imunidade de fazer o que bem entenderem sem que ninguém tenha o direito de impedi-las.

## Relativismo altruístico

O Estado, ao injetar ideias na cabeça das pessoas, como detentoras de infinitos direitos, acaba mudando a forma de elas assimilarem a realidade. Algumas pessoas já são egocêntricas por natureza, acentuando ainda mais esta característica.

Pensando estarem em um tipo de “camarote social”, algumas pessoas pensam que o mundo gira ao seu redor. Sendo que todos devem ser altruístas para satisfazer seus planos e desejos. O porém é que geralmente as pessoas que mais almejam a justiça são as que menos o fazem, além de sempre pensarem apenas nos benefícios de seus próprios umbigos.

Muitos cidadãos pensam, então, estar fazendo uma justiça altruística. Ou seja, todas as outras pessoas devem ajudá-los com caridade e altruísmo, e em troca estas pessoas devolvem corretamente o dízimo, cumprimentam o porteiro e pagam as suas contas. Na verdade, então, se alguém pensa ser humanitário e altruísta por realizar estes atos, esta pessoa é apenas um religioso, educado e não tem medo de sujar o nome perante a lei. Nada mais. Existe um abismo entre o justo e o altruístico.

“O homem, em sua arrogância, pensa de si mesmo como uma grande obra, merecedora da intervenção de uma divindade.”  
(Charles Darwin)

## Por que nunca ganhamos um Prêmio Nobel?

São concedidos seis prêmios internacionais anuais para reconhecer pessoas ou instituições que realizaram pesquisas, descobertas ou contribuições notáveis para a humanidade em diversas áreas. Ou seja, para se obter-se o Prêmio Nobel, é necessário muito conhecimento, disciplina e inovação.

Nosso principal empecilho na conquista de algum prêmio está na nossa educação. Nossas notas no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) são um desastre na média. Diminuindo ainda mais nossas esperanças de algum dia podermos contar com uma educação de qualidade para nossos jovens.

Há salas de aula e instituições educadoras em péssimas condições no país inteiro. E não é por falta de verbas conforme tantos alegam, pois o dinheiro que o Brasil gasta com educação é comparado a países de primeiro mundo. O problema é que os recursos são desviados, e o pouco que chega é mal utilizado.

O material didático deste país é fraco e ainda por cima carregado de ideologias. Seus livros literários fazem os alunos repudiarem a leitura. A busca por conhecimento é exceção em ambientes nos quais deveria ser a prioridade.

Ao entrarem nas universidades, muitos dos alunos chegam como analfabetos funcionais, não conseguindo assimilar um simples texto, e pior do que isso, levando consigo ideais revolucionários contra tudo e todos.

No âmbito universitário, os títulos que uma pessoa possui são o que as define. Devendo ser, obviamente, reconhecidos pelo MEC (Ministério da Educação). Se Aristóteles ressurgisse hoje e quisesse dar uma palestra em alguma universidade federal do país para explanar algumas de suas ideias, não o deixariam. Por este tal sujeito não possuir nenhum título reconhecido pelo MEC. Para muitos, não valeria o tempo e recursos gastos para se ouvir alguém deste “nível”.

Um título de doutorado concedido a um pesquisador que descobre a cura da AIDS será de mesmo valor universitário de algum outro pesquisador que elaborou sua tese de doutorado com ênfase na análise de saliva de cachorro de diferentes raças.

É comum professores universitários prestes a se aposentar fazerem doutorados e PhD em outros países por meio de subsídios do governo. Após conseguirem o título, recebem o aumento de salário, ministram suas aulas mais alguns poucos anos e se aposentam ganhando salário integral. Tanto investimento explicitamente desperdiçado.

Essa é a triste realidade na educação do nosso país. Alunos que não querem aprender e professores mais preocupados com títulos do que com descobertas e contribuições para a humanidade.

Então eu pergunto para o caro leitor: por que ainda não temos um Prêmio Nobel?

## LIBERDADE

O povo brasileiro possui todas as oportunidades para obter a liberdade e se livrar definitivamente de governos tirânicos. Porém, este povo gosta de ser dominado.

Moisés libertou os hebreus do Egito, fugindo assim da escravidão, tornando o povo livre. O brasileiro parece querer voltar ao Egito, fazendo o inverso do Êxodo, assim indo em direção à servidão.

A luz no fim do túnel, simbolizando a liberdade, só ficara cada vez mais próxima e luminosa se o povo primeiramente se enriquecer com o conhecimento verdadeiro, podendo assim ter uma visão macroscópica do que realmente acontece no sistema sociopolítico brasileiro.

## Cuidado com retóricas e sofismas de socialistas

A arte de ludibriar as pessoas faz parte da estratégia dos socialistas. A verdade é algo supérfluo no convencimento de eleitores. Agindo no imaginário das pessoas como se realidade e fantasia fossem sinônimos.

Ao prometerem realizações surreais, muitas pessoas, com seu imaginário vivo, acabam acreditando que em algum lugar no futuro seus sonhos se encontrarão com promessas impossíveis.

O socialismo já matou mais de cem milhões de pessoas, espalhando morte, fome e miséria por onde passou. Todos os terremotos, furacões, tiranias, epidemias e guerras dos últimos quatro séculos somados não produzirão resultados tão devastadores. Este fato está disponível em qualquer livro ou *site* sério de história.

Já tentaram implementar o socialismo em mais de cinquenta países, e todos fracassaram. Os IDHs de todas essas nações são vergonhosos e, mesmo assim, pessoas nefastas ainda almejam este tipo de governo aqui no Brasil, argumentando que todos os países fizeram de uma forma errada, mas agora irão acertar, fazendo da maneira correta para o sucesso.

E quando conseguem estar no poder, jogam sempre para o futuro a concretização de suas promessas. Só que este futuro é diferente do futuro de alguém que guarda dinheiro para comprar um carro. Nesse caso, o futuro um dia chegará. Mas, no

caso dos socialistas, esse futuro sempre será utópico. Nunca irá chegar. Nem seus mentores como Marx e Engels sabiam como seria este futuro utópico. O importante é fazer revoluções para estarem no poder.

## Vaquinha leiteira

Na parábola da vaquinha, um sábio passa por uma fazenda e vê a miséria em que uma família se encontra. Moram em um casebre e têm como única fonte de recursos uma vaquinha magra que dá leite. No intuito de ajudar a família, o sábio joga a vaquinha no penhasco e vai embora. Tempos depois volta e observa que a fazenda tornou-se linda e próspera.

O que aconteceu com esta família é que foi obrigada a sair da zona de conforto, assim indo atrás de outras fontes de renda, descobrindo habilidades e talentos que estavam adormecidos.

É da natureza humana almejar uma situação estável e cômoda. O problema é que nos priva de evoluir e melhorar nossa qualidade de vida. Fato evidenciado com muitos programas sociais, em que as pessoas preferem ganhar migalhas eternas do governo a irem atrás de trabalho para aumentar a renda.

Muitos funcionários públicos possuem muitas ideias boas para abrirem negócios no mercado, mas ficam receosos em ter que abandonar a estabilidade e se arrisquem, contentando-se com menos do que conseguiriam conquistar, impedindo de atingir seus sonhos.

“O conformismo é carcereiro da liberdade e inimigo do crescimento.” (John Kennedy)

## A África é pobre por causa do deserto...

Muitas pessoas acham que países da África ainda estão na miséria por falta de água. Embora seja um país com várias áreas desérticas, isto não justifica sua imensa pobreza. Se assim o fosse, a cidade de Las Vegas, nos Estados Unidos, não poderia ser considerada uma das cidades mais ricas do mundo, visto que é construída no meio de um deserto americano.

Os países africanos em sua maioria são governados por sistemas autoritários, ditatoriais e socialistas. O capitalismo não consegue adentrar na sua economia, e o livre mercado é inexistente ali. Nestas circunstâncias, governantes regulam e colocam barreiras na criação de novas empresas privadas, prejudicando a prosperidade da economia. A situação econômica de um país está intrinsecamente ligada à política.

Investidores externos ficam receosos em colocar dinheiro em países cujo governo é autoritário, pois têm medo que, com uma canetada dos governantes, possam perder todo o seu capital. Logo, fogem desses países e migram para países com mais livre mercado. Investimentos estrangeiros nos Estados Unidos, Canadá e Austrália foram mais prósperos porque estas nações não eram atrasadas na mentalidade empresarial.

Se você quiser ajudar milhões de pessoas na África, precisará não apenas de conhecimento tecnológico e recursos financeiros, e sim, principalmente, de ideais capitalistas.

“Quando você perceber que, para produzir, precisa obter a autorização de quem não produz nada; quando comprovar que o dinheiro flui para quem negocia não com bens, mas com favores; quando perceber que muitos ficam ricos pelo suborno e por influência, mais que pelo trabalho, e que as leis não nos protegem deles, mas, pelo contrário, eles é que estão protegidos de nós; quando perceber que a corrupção é recompensada, e a honestidade se converte em autossacrifícios; então poderá afirmar, sem temor de errar, que sua sociedade está condenada.” (Ayn Rand)

## O Estado interferindo na liberdade das pessoas

Recentemente, foi aprovada uma lei na cidade de Porto Alegre (RS) que proíbe os restaurantes de deixarem saleiro em cima das mesas. Com esta medida, o governo argumenta que melhorará a saúde de seus cidadãos, diminuindo assim o consumo de sal e combatendo melhor a hipertensão.

Para uma melhor efetividade da lei, os restaurantes fast-food deveriam ser imediatamente fechados, por não oferecerem produtos saudáveis aos consumidores, sendo obrigados a demitir milhares funcionários.

Se fosse ter que usar esta estratégia para resolver os problemas, o Estado deveria também proibir a construção de prédios altos para prevenir que suicidas não se joguem de andares altos. Também deveria proibir a venda de facas nos mercados, para evitar mortes ocasionadas por arma branca em brigas de bar.

Para uma melhor efetividade na resolução de problemas, é preciso informar a população da realidade, orientando e deixando claras as causas e consequências de cada circunstância. Para que assim os cidadãos possam decidir o que é melhor para eles. Livres para comandarem suas vidas, sem regras autoritárias para seguir.

Outro caso em que o Estado interfere na liberdade das pessoas é quando não permite o saque do FGTS pelo trabalhador. Ou seja, o dinheiro é do trabalhador, mas ele não pode ter acesso, porque é argumentado que o brasileiro não sabe usar

corretamente o seu próprio dinheiro. Devendo assim o Estado cuidar para ele.

“Aqueles que estão pedindo mais interferência do governo estão pedindo, em última instancia, mais coerção e menos liberdade.” (Ludwig von Mises)

## Repartir o bolo x aumentar o bolo

Socialistas acreditam, e convencem seus adeptos, que a riqueza só pode ser repartida, nunca aumentada. Por meio de argumentos nefastos, afirmam que a pobreza só poderá ser eliminada através da divisão do patrimônio dos ricos.

Isso não é verdade. A riqueza pode ser aumentada sem precisarmos extorquir ninguém. Ricos não ficaram ricos por explorarem pessoas. A afirmativa de que o ganho de um é prejuízo de outro só tem validade no caso de roubo, guerra, pilhagem e espoliação.

Quando o padeiro fornece pão ao dentista, e o dentista alivia a dor de dente do padeiro, nem um nem outro está sendo prejudicado.

A riqueza de uma nação pode ser comparada à liberdade que se tem em realizar trocas voluntárias. Quanto maior esta liberdade, maior o IDH. E um fator que colabora com o enriquecimento de uma nação é o acúmulo de capital acima da taxa de aumento populacional.

Resumindo, a riqueza é fruto do trabalho que indivíduos de um país exercem com a ajuda do livre mercado. Nunca um país será rico e próspero dividindo o que as pessoas possuem.

## Liberdade propriamente dita

Karl Marx escreveu e publicou seus livros, que serviriam de base para o comunismo, em um dos países mais livres da época, a Inglaterra. Sem impedimentos e empecilhos do governo para tais feitos. Já no comunismo da URSS, ninguém poderia ousar falar mal da política. Sujeitos sumiam ou eram levados à força até os Gulags para ali trabalharem como escravos. Esta é a simples diferença entre liberdade e servidão.

Norte-coreanos, em pleno século XXI, simplesmente não podem sair do seu próprio país. Confinados como sendo um cárcere privado coletivo. Limitando, assim, os cidadãos a terem conhecimentos por meio da internet. Uma pesquisa recente feita naquele país pelo próprio governo concluiu que os norte-coreanos ficaram em segundo lugar no quesito felicidade. Mas, se lá é tão bom viver, por que seus governantes não deixar seus cidadãos viajarem para outros lugares do mundo? Medo de não voltarem?

Para almejarmos a liberdade, não basta derrotar agressores e políticos nefastos. O principal é nos livrar de ideologias que dão origem à tirania e à escravidão. Acredito que irá haver uma revolta pacífica, e talvez sejamos o começo dela. Hoje você vê pessoas indo contra políticos podres, quando alguns anos atrás você nem sonhava em fazer isto, porque seria esmagado.

O governo não tem poderes para tornar as pessoas mais prósperas por meio de interferências na atividade econômica, porém tem certamente o poder de torná-las menos satisfeitas e felizes ao restringir sua liberdade.

O alto preço da liberdade é a eterna vigilância.

“O progresso está à mão se conseguirmos nos livrar do governo que desperdiça o esforço das pessoas com a desculpa de querer protegê-las.” (Thomas Jefferson)

## Frases de impacto

“Posso não concordar com uma só palavra sua, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-la.” (Voltaire)

“O sábio pode mudar de opinião. O idiota, nunca.” (Immanuel Kant)

“Entre um governo que faz o mal e o povo que o consente, há certa cumplicidade vergonhosa.” (Victor Hugo)

“Um idiota é um idiota. Dois idiotas são dois idiotas. Dez mil idiotas são um partido político.” (Franz Kafka)

“Em política, os aliados de hoje são os inimigos de amanhã.” (Maquiavel)

“O preço a pagar pela tua não participação na política é seres governado por quem é inferior.” (Platão)

“Quando as pessoas temem o governo, isso é tirania. Quando o governo teme as pessoas, isso é liberdade.” (Thomas Jefferson)

“O momento exige que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas.” (Benjamin Disraeli)

“A pior ditadura é a ditadura do Poder Judiciário. Contra ela, não há a quem recorrer.” (Rui Barbosa)

“Ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar. Ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender.” (Blaise Pascal)

“Conhecimento é poder.” (Thomas Hobbes)

Ouse pensar, meu amigo...

## O Estado e a natureza<sup>10</sup>

Havia um grande incêndio na floresta. As chamas se elevavam a uma enorme altura e as árvores começavam a ser pouco a pouco destruídas pelo fogo. Os animais, apavorados, corriam desesperados tentando achar o elefante. Era o único que realmente poderia apagar o fogo, pois poderia jogar água com suas gigantes trombas.

Ao encontrar o elefante, os animais suplicaram por sua ajuda, e disseram que fariam qualquer coisa em retribuição. O elefante concordou com o trato, e começou a esguichar água com suas trombas para cessar o fogo.

Quanto mais o elefante trabalhava, mais exigia recursos dos animais conforme o trato. E mesmo assim, o fogo nunca terminava...

Análise da história: o elefante tido como referência na proteção e zelo da floresta representa o Estado. Outros animais representam a sociedade, conforme a hierarquia. A água que o elefante enguiçava no fogo, na verdade, era álcool. Mas ninguém sabia disto. Era mais interessante para o elefante manter o fogo do que acabar com ele. Na floresta sem incêndio, o elefante é apenas um animal comum.

---

10. Fábula de Adryano A. Kamei.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MISES, Ludwig von. A mentalidade anticapitalista. São Paulo: Editora LVM, 2018.
- MISES, Ludwig von. Ação humana. São Paulo: Mises Brasil, 2010.
- MISES, Ludwig von. Marxismo Desmascarado. Campinas: Vide Eleitoral, 2016.
- FRIEDMAN, Milton. Capitalismo e liberdade. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2014.
- FRIEDMAN, Milton. Livre para escolher. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.
- BASTIAT, Frédéric. A Lei. Barueri: Faro Editorial, 2016.
- CARVALHO, Olavo de. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- ORWELL, George. A Revolução dos bichos. São Paulo: Campanha da Letras, 2015.
- L&PM Editores, Fábulas de Esopo. Porto Alegre: L&PM Editores, 1997.
- MARX, Karl. O capital: extratos por Paul Lafargue. São Paulo, Editora Veneta, 2014.
- HARARI, Yuval Noahn. Sapiens – Uma breve história da humanidade. Porto Alegre, L&PM Editores, 2017.
- PELTO, Pertti J. Iniciação ao estudo da Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
- DARWIN Charles. A origem das espécies. São Paulo, Martin Claret, 2017.
- DAWKINS Richard. O maior espetáculo da terra. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- KLEON Austin. Roube como um artista. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2012.

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha família por sempre estarem do meu lado, meu pai Helio Kamei, minha mãe Suely Kamei, meu irmão Marcelo Kamei e minha cunhada Emily Reda Kamei. Meu agradecimento especial a minha esposa Marizete Bronicki que me deu apoio e teve paciência na construção deste livro, e meu filho Gabriel Kamei, que através dele me fez renovar as esperanças de um mundo melhor.

Pelo aconselhamento e pela ajuda agradeço a Regina Marcia Graça, minha tia Ana Arana, meu primo Gustavo Arana, assim como meus amigos Alison Carlesse Ribeiro, Doalquers Matheus, Vitor de Souza e Lorena Salmoria.

Este livro foi produzido pela  
Editora Recanto das Letras  
em dezembro de 2020.